

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

MICHELLE ESCALANTE MENDÍVIL PERINO

**ELITES CULTURAIS E PÓS-MATERIALISMO: OPINIÃO PÚBLICA SOBRE AS
RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Porto Alegre

2019

MICHELLE ESCALANTE MENDÍVIL PERINO

**ELITES CULTURAIS E PÓS-MATERIALISMO: OPINIÃO PÚBLICA SOBRE AS
RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Trabalho de Conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Érico Esteves Duarte

Porto Alegre

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Perino, Michelle
ELITES CULTURAIS E PÓS-MATERIALISMO: OPINIÃO
PÚBLICA SOBRE AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS / Michelle
Perino. -- 2019.
68 f.
Orientador: Érico Esteves Duarte.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Ciências Econômicas, Curso de Relações
Internacionais, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Pós-materialismo. 2. América Latina. I. Esteves
Duarte, Érico, orient. II. Título.

MICHELLE ESCALANTE MENDÍVIL PERINO

**ELITES CULTURAIS E PÓS-MATERIALISMO: OPINIÃO PÚBLICA SOBRE AS
RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Trabalho de Conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Relações Internacionais.

Aprovada em: Porto Alegre, 6 de dezembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA:

Professor Doutor Érico Esteves Duarte– Orientador
UFRGS

Professor Doutor Henrique Carlos de Oliveira de Castro
UFRGS

Professor Doutor Carlos Schmidt Arturi
UFRGS

*À professora Sônia Ranincheski, seja onde estiveres, sabemos que ainda cuidas de todos nós,
como cuidavas aqui na terra.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais por serem pessoas fortes e determinadas - tendo migrado para o Brasil e me dado a oportunidade de crescer em um país com mais oportunidades do que o nosso país de origem. Agradeço também à minha irmã, pelos exemplos e pela sua sabedoria em sempre me guiar pelos melhores caminhos ao longo da vida. Obrigada pai , mãe e Carol, por me ensinarem que podemos ser quem quisermos profissionalmente e que não existem barreiras ao conhecimento que não podem ser enfrentadas.

Gostaria de agradecer ao meu orientador, Henrique Castro pela sua determinação e força em me orientar e por ser um exemplo que levarei por toda a vida. Agradeço também aos professores Fabian Domingues, Verônica Gonçalves e Paulo Peres por expandirem minhas perspectivas e contribuírem para o meu crescimento pessoal e profissional.

Agradeço às colegas Marielli Bittencourt e Adriana Albanus, pela sua grande contribuição e auxílio para que esta monografia seja realizada.

Agradeço imensamente aos meus amigos de graduação por terem me acompanhado nessa jornada e tornado meus dias mais agradáveis. Obrigada por me darem forças para enfrentar os momentos difíceis e por estarem lá a todo o momento, segurando minha mão.

Agradeço ao meu companheiro de vida, Mikael Correa, por todo o companheirismo e pelos ensinamentos nestes 5 anos de graduação. Obrigada por se fazer presente e por me ensinar a levar a vida de maneira mais leve. E muito obrigada pelos ensinamentos que me destes.

Gostaria de agradecer imensamente, ademais, pela oportunidade de ter acesso à educação de qualidade e gratuita. Meus anos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul enriqueceram minhas perspectivas sobre este complicado mundo e me tornaram uma pessoa diferente daquela de 5 anos atrás.

Por fim, um muito obrigada a todos que deixaram sua pequena pegada em minha alma ao longo destes últimos anos.

RESUMO

Esta monografia é um estudo pertencente à grande área de cultura política. A problemática que é respondida por este trabalho é “como as elites culturais e a manifestação de visões pós-materialistas sobre temas de Relações Internacionais contemporâneos se diferenciam na América Latina?”, cujo objetivo geral é compreender e explicar se, na América Latina, as elites culturais e seus valores pós-materialistas podem se diferir de elites de outros países a partir das opiniões que estes apresentam acerca de temáticas de relações internacionais. O período histórico utilizado será o compreendido entre 2010-2014, por se tratar do período abordado pela sexta onda de valores, e pela disponibilidade de dados referentes aos países latino-americanos. A metodologia empregada é a do método quantitativo, em que os conceitos tornam-se perguntas em um questionário estruturado aplicado em amostras probabilísticas nacionais nos seguintes países: Argentina, Brasil, México, Uruguai, Colômbia, Chile e Peru. O método quantitativo permitirá, que se verifiquem quais são as perguntas ou variáveis que operacionalizam os conceitos de pós-materialismo e elites culturais na América Latina a partir de Ronald Inglehart. Ao longo deste trabalho, tratar-se-á do pós-materialismo, segundo a visão de Inglehart e sua manifestação na América Latina a fim de descobrir a opinião de latino-americanos de diferentes elites culturais sobre temas relacionados com Relações Internacionais para que se possa compreender como as visões de grupos com valores pós-materialistas podem se diferir das visões dos outros. Assim, conclui-se, a partir desta análise, que a maneira que as elites culturais e seu pós-materialismo sobre temas de Relações Internacionais se diferenciam na região é por meio, não apenas das raízes históricas e legado ibérico dos países, mas principalmente pelas diferentes opiniões públicas que os cidadãos desenvolveram, ao menos durante a Sexta Onda, sobre pautas de Relações Internacionais

Palavras-chave: Pós-Materialismo. Materialismo. América Latina. Valores.

ABSTRACT

This monograph is a study that belongs to the field of political culture. The problem that is at the center of this paper is “how do cultural elites and the manifestation of post-materialist views regarding contemporary International Relations topics differ in Latin America?”. The main objective of this study is to understand and explain if latin-american cultural elites and their post-materialist values differ from those of other countries’ elites by looking at the opinions that they present regarding international relations topics. The historical period of this study occurs between 2010 and 2014 since it coincides with the Sixth Value Wave and because of the availability of data on latin-american countries. The methodology utilized is of a quantitative nature, in which the concepts become questions in a structured survey that is then deployed in national probabilistic samples in the following countries: Argentina, Brazil, Mexico, Uruguay, Colombia, Chile and Peru. A quantitative method will permit that we verify which questions or variables are able to operationalize the concepts of post-materialism and cultural elites in Latin America as elaborated upon by Ronald Inglehart. Inglehart’s postmaterialism and its manifestation in Latin America will be explored throughout this study with the intention of discovering the opinion of different latin-american cultural elites regarding International Relations topics in order to better comprehend how groups with post-materialist values may have differing opinions when compared to other groups. Therefore, with this analysis, we conclude that the way that the cultural elites and their postmaterialism on International Relations themes differ in the region is through not only the historical roots and Iberian legacy of the countries, but mainly by the different public opinions that citizens developed, at least during the Sixth Wave, on International Relations.

Keywords: Postmaterialism. Materialism. Latin America. Values.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa Cultural da 6ª onda da WVS (2010-2014).....	31
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Índice de Pós-materialismo por país (2010-2014)	49
Gráfico 2 – Classe Social (2010-2014).....	51
Gráfico 3 – Eu me vejo como um cidadão do mundo (2010-2014).....	52
Gráfico 4 – Os problemas mais sérios do mundo (2010-2014).....	54
Gráfico 5 – Confiança nas Nações Unidas (2010-2014).....	56

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Clivagens.....	23
Quadro 2 – Os Efeitos Emancipadores do Desenvolvimento Socioeconômico.....	26
Quadro 3 – O Processo de Desenvolvimento Humano.....	28

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Ondas de Valores.....	39
Tabela 2 – Teste do Qui Quadrado para Cidadão do Mundo (2010-2014).....	52
Tabela 3 – Teste do Qui Quadrado para os Problemas Mais Sérios do Mundo (2010-2014).....	54
Tabela 4 –Teste do Qui Quadrado para Confiança nas Nações Unidas (2010-2014).....	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EVS	– European Values Study
IDH	– Índice de Desenvolvimento Humano
NORC	– National Opinion Research Center
ONU	– Organização das Nações Unidas
PIB	– Produto Interno Bruto
PM	– Índice de Pós-materialismo
WVS	– World Values Survey

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....	21
2.1 EVOLUÇÃO CONCEITUAL: DE LIPSET E ROKKAN A INGLEHART.....	21
2.2 A TEORIA PÓS-MATERIALISTA DA MUDANÇA DE VALORES.....	25
2.3 ELITES CULTURAIS E PÓS-MATERIALISMO.....	32
3 FUNDAMENTOS DA ANÁLISE QUANTITATIVA.....	37
3.1 A WORLD VALUES SURVEY E AS ONDAS DE ANÁLISE.....	37
3.2 OPINIÃO PÚBLICA, <i>SURVEYS</i> E RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	40
4 A SEXTA ONDA DE VALORES E SEUS RESULTADOS NA AMÉRICA LATINA.....	47
4.1 OS PAÍSES E AS <i>SURVEYS</i>	47
4.2 RESULTADOS NOS PAÍSES E RELAÇÃO COM AS ELITES CULTURAIS	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS.....	61
APÊNDICE A – DADOS QUANTITATIVOS.....	65

1 INTRODUÇÃO

A ascensão dos valores pós-materialistas desde o período do pós-Segunda Guerra ao redor do mundo trouxe uma enorme discussão acerca da maneira como tais valores emergem nas diferentes regiões (INGLEHART, 1977). Autores como Ronald Inglehart e Christian Welzel contribuem para um acalorado debate acerca das diferenças entre os valores que emergem na América Latina e os que emergem na Europa, por exemplo.

Antes de tudo, no entanto, vale compreender que tal manifestação de valores se encontra intrinsecamente ligada ao aparecimento de novos movimentos sociais. A expressão "novos movimentos sociais" indica o surgimento de "grupos de pressão ou conjuntos de grupos, muitos dos quais começaram a surgir nos anos 1960, expressando uma crítica radical às sociedades, culturas e instituições dominantes por ignorarem [...] questões que não se encaixavam [...] na 'política costumeira'" (BALE, 2017, p. 263, tradução própria). As questões abordadas incluem gênero, igualdade racial e étnica, proteção ambiental, paz, tolerância e assim por diante. Autores como Ronald Inglehart, no entanto, apontam que essas preocupações são pós-materialistas e que estamos vivenciando uma mudança de valores. As pessoas estariam mudando suas crenças políticas antes baseadas em interesses materiais para valores de autoexpressão (BALE, 2017; INGLEHART, 2018).

Nesse sentido, as mudanças pelas quais a sociedade contemporânea passou, variando de valores materialistas para pós-materialistas, são acompanhadas de diferentes abordagens, levantando a questão principal desta monografia: *como as elites culturais e a manifestação de visões pós-materialistas sobre temas de Relações Internacionais contemporâneas se diferenciam na América Latina?* Assim, procura-se, a partir do conceito de valores pós-materialistas elaborado por Ronald Inglehart nos anos 60, explicar tal manifestação de visões pós-materialistas e sua variação ao redor da América Latina.

A teoria de Inglehart busca explicar o surgimento desses novos valores que começaram a aparecer no final da década de 1960. O autor não apenas explicou esse surgimento, mas desenvolveu teorias e identificou o aparecimento de uma nova clivagem¹. Esta nova clivagem, no entanto, seria uma contraposição às clivagens previamente existentes.

¹ "Clivagens são divisões em uma sociedade que dão origem a conflitos que podem ser expressos em forma política - muitas vezes, embora não necessariamente, através da formação de partidos que representam pessoas de ambos os lados da divisão" (BALE, 2017, p. 2, tradução própria).

As clivagens apresentadas por Lipset e Rokkan contrastam especialmente com os mencionados novos valores.

Lipset e Rokkan argumentam que "os sistemas partidários dos anos 60 refletem [...] as estruturas de clivagem dos anos 1920" (LIPSET; ROKKAN, 1967, p. 50). Para eles, embora desde a Segunda Guerra Mundial tenha ocorrido algum abrandamento das tensões ideológicas e uma melhora do padrão de vida, existiriam quatro clivagens fundamentais que moldariam a sociedade dessa época: Centro-Periferia, Igreja-Estado, Indústria-Terra e Proprietários-Trabalhadores (LIPSET; ROKKAN, 1967). Em Lipset e Rokkan (1967), a sociedade expressaria seus valores especificamente ao longo destes conflitos. Ambos os escritores, no entanto, não trazem à luz o surgimento das mais novas questões políticas. Diferente desses autores, Inglehart identificou que as clivagens econômicas estavam se tornando menos intensas e que o comportamento baseado na classe social estava declinando, dando lugar a uma clivagem de valor Materialista *versus* Pós-Materialista (INGLEHART, 1990).

A ascensão do pós-materialismo, portanto, parece estar especialmente ligada ao surgimento de novas pautas e valores, os quais sugerem duas fortes crenças que alegam que:

[...] 1) o desenvolvimento econômico - juntamente com o declínio da vulnerabilidade à fome, doença e violência - traz uma mudança dos valores de sobrevivência para valores de autoexpressão, dos quais o pós-materialismo é apenas um componente, e 2) que as sociedades com altos valores de autoexpressão são muito mais propensas a ter instituições democráticas e serem relativamente tolerantes a grupos externos (INGLEHART, 2016, p. 20)

Assim, em Inglehart (2018), o desenvolvimento econômico desempenha um papel central. O autor desenvolveu para isso as hipóteses da escassez e da socialização. Segundo Inglehart, “pode-se viver sem água por alguns dias, mas quando esta é escassa, as pessoas lutam desesperadamente para obtê-la, matando se necessário” (INGLEHART, 2018, p. 26, tradução própria). Isso significa que crescer com uma sobrevivência insegura e crescer com uma sobrevivência segura é extremamente diferente - a sobrevivência influenciou e guiou a vida das pessoas por milhares de anos (INGLEHART, 2018).

Nas últimas décadas, no entanto, temos visto uma transformação das condições econômicas e, conseqüentemente, dos valores. Semelhante ao conceito de utilidade marginal decrescente², a hipótese de escassez transmite que a sociedade contemporânea de

² “Utilidade: de um bem ou serviço é a sua capacidade de satisfazer as necessidades das pessoas. A utilidade representa o grau de satisfação que os consumidores atribuem aos bens e serviços que podem adquirir no

determinados países não cresceu em condições de insegurança de sobrevivência - o que levou a uma transformação de necessidades onde os valores de autoexpressão se tornaram prioridade (INGLEHART, 2018). Essa hipótese, portanto, identifica que “períodos prolongados de alta prosperidade encorajam a disseminação de valores pós-materialistas, enquanto o declínio econômico persistente tem o efeito oposto” (INGLEHART, 2018, p. 30).

A hipótese de socialização, adicionalmente, percebe que os valores mais básicos da sociedade não mudam de um dia para o outro – mas mudam essencialmente a longo prazo (INGLEHART, 2018). Evidências sugerem que essa mudança de valor é intergeracional. Ou seja, existem diferenças claras que aparecem na socialização de grupos mais jovens e mais velhos (ABRAMSON; INGLEHART, 1995).

A tese da mudança de valor, no entanto, não apenas varia de acordo com a substituição geracional de longo prazo - como mencionado, o desenvolvimento econômico é central na tese (ABRAMSON; INGLEHART, 1995). É importante trazer à luz, assim, o conceito de "desenvolvimento humano" - apresentado por Inglehart e Welzel. Como apontado pelos autores, a mudança social contemporânea é um processo humano em que as transformações econômicas levam a alterações culturais e, por fim, a mudanças políticas (INGLEHART; WELZEL, 2005). Valores de autoexpressão, portanto, se espalham em domínios da vida que moldam os papéis sexuais e de gênero, religião, meio ambiente e assim por diante (INGLEHART; WELZEL, 2005). Essas mudanças refletem que

A modernização [s]ocioeconômica [está] reduz[indo] as restrições externas à escolha humana, por meio do aumento dos recursos materiais, cognitivos e sociais das pessoas. Isso traz crescente ênfase aos valores de autoexpressão, que por sua vez levam a crescentes demandas públicas por liberdades civis e políticas, igualdade de gênero e um governo responsivo, ajudando a estabelecer e apoiar as instituições mais adequadas para maximizar a escolha humana (INGLEHART e WELZEL, 2005, p. 2, tradução própria).

Não é surpresa que Inglehart (2016) nos apresente evidências de que o fraco desenvolvimento econômico e a crescente desigualdade nos últimos anos levaram a um crescente apoio a políticos mais materialistas no mundo todo, a exemplo de Donald Trump e Marine Le Pen. No caso latino-americano, ademais, vê-se a ascensão de políticos de direita

mercado [...]. Uma unidade adicional de um bem acrescenta, na margem, uma utilidade cada vez menor” (LEMME, 200-, p. 3-5).

como Jair Bolsonaro, Sebastián Piñera, Mauricio Macri e Martin Vizcarra³ – respectivamente no Brasil, Chile, Argentina e Peru (ODILLA, 2018).

Na verdade, é importante frisar que a teoria de Inglehart levou estes últimos países em consideração em sua análise. Inglehart e Welzel desenvolveram um mapa cultural, o qual busca expandir a teoria pós-materialista a todos os continentes, incluindo o continente latino-americano e classificando-o no espectro Materialista *versus* Pós-Materialista⁴ (WVS, 2019b).

A questão dos valores pós-materialistas, por fim, se tornou relevante para que se pudesse compreender quão cosmopolita se encontra a opinião pública sobre debates sociais e políticos intrínsecos às Relações Internacionais. Focando no continente latino-americano e compreendendo como tais valores variam de país para país de maneira a formar elites culturais diferenciadas na América Latina.

Os valores pertencentes a este público demonstram íntima relação com a maneira como se manifestam suas opiniões. Isto é, a mudança cultural de valores é a expressão da segurança econômica que setores favorecidos vivenciam. Como Inglehart e Welzel (2016) verificam, o desenvolvimento econômico somado à diminuição da vulnerabilidade à fome, doenças ou violência traz uma mudança dos valores de sobrevivência para valores mais próximos do pós-materialismo.

Neste sentido, as perguntas realizadas pela associação chamada *World Values Survey* (WVS) fundada por Inglehart e Welzel manifestam papel essencial. A WVS é a associação responsável por realizar *surveys* que questionam a opinião de vários cidadãos em mais de 60 países sobre diversos temas. A análise do pós-materialismo, assim é realizada em todos os continentes. São realizadas perguntas como: “O(A) Sr.(a) concorda, nem concorda, nem discorda, ou discorda das seguintes afirmações? ‘Quando há poucos empregos, os empregadores deveriam dar mais prioridade aos brasileiros do que aos estrangeiros.’” (WVS, 2018). Este tipo de pergunta trata de problemas de recorrente discussão no campo das relações internacionais. Mais do que isto, a WVS (2019a) aborda perguntas relacionadas a tópicos

³ Os quatro políticos são considerados materialistas pelos seus valores serem majoritariamente contra aborto, contra imigrantes, contra grupos LGBT e contra direitos humanos.

⁴ A classificação e análise dos países varia de período a período, estes períodos são chamados por Inglehart de Ondas de Valores. A expansão do pós-materialismo se deu através dessas chamadas Ondas de Valores (WVS, 2019b). Tais ondas são analisadas segundo dois grandes eixos, sejam eles: valores tradicionais *versus* seculares-rationais e valores de sobrevivência *versus* de autoexpressão (WVS, 2019b).

como fluxos migratórios, terrorismo, guerras, mudanças climáticas, cooperação internacional, organizações e acordos multilaterais ou assistência humanitária.

Assim, este trabalho insere-se nos estudos de Relações Internacionais da área de cultura política. E, como delimitação de escopo para que este trabalho seja possível, serão objetos de análise os seguintes países: Argentina, Brasil, México, Uruguai, Colômbia, Chile e Peru. E o período histórico utilizado será o compreendido entre 2010-2014, por: (1) se tratar do período mais recente de análise disponibilizado pela *World Values Survey* (WVS); e (2) se tratar de um período carregado especificamente com a disponibilidade de dados acerca de países da América Latina.

Como hipótese geral para este trabalho, considera-se que há elites culturais que manifestam valores pós-materialistas acerca de temas de Relações Internacionais de maneira mais frequente, pontual, ou intensa do que outras elites pertencentes a outros países na América Latina devido às diferentes formações de valores em cada país do continente, permitindo vivenciar ou não segurança econômica e não passar por privação social segundo a própria aplicação empírica de Inglehart em suas teses sobre os continentes (INGLEHART, 2018). Desta forma, esta monografia surge a partir da teorização de Ronald Inglehart (1977) acerca da mudança de valores materialistas para valores mais pós-materialistas.

O objetivo geral desta análise consiste, portanto, em compreender e explicar se, na América Latina, as elites culturais e seus valores pós-materialistas podem se diferir das outras elites a partir das opiniões que estas apresentam acerca de temáticas de Relações Internacionais.

Os objetivos específicos, por sua vez, buscam:

- (i) Explicar o que é a teoria pós-materialista e a mudança de valores de Inglehart e como ela se contrasta com as visões tradicionais, bem como explicar sua aplicação na América Latina e compreender o conceito de elite cultural e como esta se apresenta na América Latina;
- (ii) Compreender o papel da WVS e das ondas de análise para a opinião pública de Relações Internacionais referentes à esta mesma onda da *World Values Survey*. Finalmente;
- (iii) Analisar os resultados das questões de Relações Internacionais escolhidas com aplicação na América Latina para verificar a diferenciação das elites culturais e seu pós-materialismo e

realizar análise comparada dos países verificando essa relação de pós-materialismo e Relações Internacionais.

O presente trabalho justifica-se na importância da opinião pública para que um profissional de Relações Internacionais esteja a par da imagem nacional existente sobre temas como terrorismo, meio ambiente e acordos internacionais, por exemplo. Isto é, busca-se realizar a análise tendo em mente que a implementação da política externa de um país está estreitamente vinculada à opinião pública de seus cidadãos, o que torna relevante estudar tais fatores para que aquela seja construída, executada e esclarecida nas devidas condições.

Como metodologia para a realização da monografia, emprega-se o método quantitativo. Devido ao referencial teórico utilizado, este método ocorrerá por meio da aplicação da teoria do pós-materialismo e da aplicação da sua manifestação segundo os preceitos de Ronald Inglehart. Esta escolha se dá devido a que a teoria de Ronald Inglehart permite que se compreenda as condições que levaram ao desenvolvimento dos valores categorizados como pós-materialistas.

O uso de análise quantitativa, assim, se propõe a utilizar teoria e conceitos para enxergar a realidade. Isto é, por meio do método quantitativo, os conceitos tornam-se perguntas em um questionário estruturado aplicado em amostras probabilísticas nacionais nos seguintes países: Argentina, Brasil, México, Uruguai, Colômbia, Chile e Peru. O método quantitativo permitirá, além do mais, que se verifiquem quais são as perguntas ou variáveis que operacionalizam os conceitos de pós-materialismo e elites culturais na América Latina a partir de Ronald Inglehart.

O método quantitativo se dará por meio de *surveys* realizadas pela *World Values Survey* (WVS), mais especificamente, *surveys* referentes à mais recente onda de análise (2010-2014). A fonte de dados quantitativos de opinião pública acerca de pós-materialismo na América Latina será proveniente da WVS, por se tratar de uma plataforma unificada a partir de questionário idênticos. Visto que este banco de dados possui um grande número de variáveis pertencentes a valores diversificados, elas serão analisadas na forma de blocos de análise, com os blocos incluindo todos os países que se busca analisar neste trabalho, sejam eles Argentina, Brasil, Chile, México, Peru, Uruguai e Colômbia e classificando-os em materialistas ou pós-materialistas. Estes segmentos de análise foram elaborados a partir da sua relevância para o campo das Relações Internacionais, sendo, portanto, adaptados às

necessidades investigativas do presente trabalho. Da mesma forma, as variáveis analisadas foram escolhidas a partir da disponibilidade dos resultados encontrados. É importante notar que nem todas as variáveis disponíveis no banco da WVS foram analisadas. As variáveis excluídas foram aquelas cujo conteúdo é de relevância baixa ou inexistente segundo a ótica de Relações Internacionais. Excluíram-se, ademais, aquelas variáveis que não estavam presentes no questionário de alguns dos países analisados.

Dito isso, é importante salientar que para atingir-se os objetivos propostos, dividiu-se a análise deste trabalho em três capítulos de desenvolvimento, introdução e conclusão. O primeiro capítulo trata dos fundamentos teóricos que formam a estrutura desta monografia - observando a evolução histórica dos valores da sociedade e suas conseqüentes mudanças. Neste capítulo pretende-se apresentar a evolução conceitual dos valores de Lipset e Rokkan a Inglehart, explicar o surgimento do pós-materialismo, apresentar a própria teoria da mudança de valores de Ronald Inglehart e, por último, apresentar o conceito de elites culturais e sua formação.

No segundo capítulo, buscar-se-á apresentar os fundamentos desta análise quantitativa, o histórico da organização WVS, as ondas de análise da mesma e sua respectiva relevância, a justificativa para utilização das variáveis referentes à sexta onda e o entendimento de opinião pública deste trabalho. Este segundo capítulo lança as bases para o último capítulo de desenvolvimento, “A Sexta Onda de Valores e seus Resultados na América Latina”, em que serão analisadas as variáveis na forma de segmentos e serão comparados os comportamentos das variáveis entre os diferentes países. E, por fim, a conclusão geral desta monografia será apresentada no capítulo final.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A partir do debate inicial apresentado acerca do tema na parte introdutória deste trabalho, faz-se necessário discutir os fundamentos teóricos em que esta produção se baseia. Para tanto, este capítulo dividir-se-á em três subseções de maneira a facilitar o entendimento da temática. Primeiramente, discutir-se-á a evolução conceitual das clivagens da sociedade, iniciando pelas clivagens e conflitos identificados pelos clássicos Seymour Martin Lipset e Stein Rokkan (1967) e culminando na clivagem identificada por Ronald Inglehart (1977). Neste primeiro subcapítulo, espera-se iluminar a dimensão histórica da formação partidária e das forças que formaram a base de conflitos políticos da sociedade contemporânea (LIPSET; ROKKAN, 1967). Ademais, objetiva-se elucidar como as mudanças trazidas pelas experiências econômicas, políticas e sociais refletiram no desenvolvimento de uma nova clivagem, qual seja a Materialista - Pós-Materialista.

No segundo subcapítulo, por outro lado, buscar-se-á apresentar as origens do pós-materialismo no avanço industrial e desenvolvimento econômico, explicando-se também o conceito de pós-materialismo, sua atribuição teórica e sua relação com a expressão de valores latino-americanos. Por fim, no último subcapítulo, apresentar-se-á o pós-materialismo pelas lentes da formação das elites culturais, conceito que se busca mostrar um histórico e operacionalizar.

2.1 EVOLUÇÃO CONCEITUAL: DE LIPSET E ROKKAN A INGLEHART

Para iniciar, deve-se frisar que a obra de Lipset e Rokkan (1967) é uma das primeiras a expor uma análise apurada das condições econômicas, sociais e culturais que contribuíram para o entendimento dos sistemas políticos modernos e das estruturas dos grupos formados dentro dos Estados-nações. Por meio da análise de 20 sistemas competitivos, os autores foram capazes de clarificar os principais aspectos da variedade de clivagens e oposições que fazem parte das políticas nacionais, dando ênfase especial a como essas variedades produziram determinados alinhamentos partidários. Critérios como classe, território, religião e etnia, por conseguinte, passaram a fazer parte do cenário político e da formação de grupos dentro dos Estados (LIPSET; ROKKAN, 1967)

Dito isso, é importante considerar que conceitos como partido, sistema partidário e clivagens são relevantes para iniciar-se qualquer discussão acerca da nova clivagem

Materialista- Pós-materialista. A começar pelo conceito de partido, partido designa “um conjunto de elementos em competição ou em controvérsia com outro conjunto de elementos dentro de um todo unificado” (LIPSET; ROKKAN, 1967, p. 3, tradução própria). Isto é, partidos são representações dos conflitos ou oposições num sistema político. Tais partidos, quando inseridos num contexto competitivo, representam os canais de comunicação da sociedade e, portanto, representam os cidadãos e votantes que são convidados a utilizá-los como meio de diferenciação dos seus interesses (LIPSET; ROKKAN, 1967).

Consequentemente, o principal objetivo deste subcapítulo é mostrar quais interesses e conflitos são esses que resultam em clivagens, partidos e sistemas partidários competitivos. A concepção de partido, neste trabalho, apenas serve ao propósito de esclarecer os conflitos de interesse e as clivagens que movem os cidadãos desde aproximadamente o século XIX, ou seja, o conceito apenas serve o seu papel de expressão das demandas e pressões dos diferentes grupos (LIPSET; ROKKAN, 1967). Tais grupos, entretanto, estão em constante mudança, motivo pelo qual as clivagens e os partidos chegam ao século XXI com variedade e conceitos como o de pós-materialismo.

Para além destas mudanças, é importante conceituar sucintamente, primeiro, o significado de clivagem, que, segundo Tim Bale (2017), é a distribuição social dos conflitos ao longo da sociedade. Tais clivagens variam em categoria e dimensão, podendo consequentemente salientar-se umas mais do que outras, a depender do momento histórico e de outros fatores polarizadores (LIPSET; ROKKAN, 1967).

Além do mais, as clivagens traduzem dilemas em relação à nossa própria individualidade e, para entender tal complexidade, Lipset e Rokkan (1967) desenvolveram o paradigma *A-G-I-L*, cuja função é possibilitar a interpretação das clivagens mais cruciais da sociedade. Baseado em dois eixos e 4 extremidades, este paradigma indica que as clivagens podem se basear em 4 divergências fundamentais: oposições específicas a interesses (A), oposições com as elites nacionais estabelecidas (G), oposições ideológicas (I) e oposições regionais-locais (L) (LIPSET; ROKKAN, 1967). Estas divergências, no entanto, servem apenas de modelo dos conflitos possíveis, desempenhando mais uma função de instrumento de análise.

A função principal do paradigma *A-G-I-L* é auxiliar no entendimento de que as clivagens funcionam em torno de conflitos relacionados à economia (A), política (G),

integração (I) e localidade (L)⁵. Assim, as clivagens poderiam ser classificadas em conflitos entre trabalhadores e proprietários, empregados e empregadores, Igreja e Estado, Subjetividade e Cultura Dominante e economia primária e secundária. Em outras palavras, os conflitos refletem divergências territoriais, linguísticas, religiosas, étnicas e de classe (LIPSET; ROKKAN, 1967). Enquanto algumas clivagens são frutos dos conflitos da formação dos Estados, outras são frutos da Revolução Industrial (LIPSET; ROKKAN, 1967).

Na figura 1, é possível verificar mais claramente as clivagens, seu contexto histórico, partidos e os problemas que representam:

Quadro 1 - Clivagens

Clivagem	Período Histórico	Partidos pertencentes	Origens dos problemas em questão
Centro - Periferia	Reformas e contrarreformas nos séculos XVI e XVII	Regionalista	Religiões Nacionais X Supranacionais
Estado - Igreja	Revoluções Nacionais a partir do fim do século XVIII	Democrata Cristão	Secularidade X Controle religioso em massa da educação
Terra - Indústria	Revolução Industrial no século XIX	Liberal Conservador	Tarifas para produtos agrícolas e controle X Liberdade para as indústrias
Proprietário - Trabalhador	Revolução Russa e a partir de 1917	Socialista Social-democrata	Interesses de Classe
Urbano - Rural	Durante século XX	Agrário	Interesses divergentes
Materialismo – Pós-materialismo	A partir de 1950	Verde/ Ambientalista	Valores

Fonte: elaboração própria com base em Lipset e Rokkan (1967) e Bale (2017)

Como pode-se concluir a partir do quadro acima, a extensão da importância de tais clivagens gerou a presença de protestos e oposições contra determinados padrões. É importante notar que esses conflitos variam de território para território, manifestando-se de diferentes maneiras (LIPSET; ROKKAN, 1967). Todas as clivagens, assim, geraram diferentes desenvolvimentos nacionais.

O que é certo é que as revoluções nacionais e industriais foram decisivas para que tais clivagens surgissem (LIPSET; ROKKAN, 1967).

O crescimento inicial da burocracia nacional tendeu a produzir oposições essencialmente territoriais, mas a subsequente ampliação do escopo das atividades governamentais e a aceleração das interações entre locais gradualmente resultaram em sistemas de alinhamentos muito mais complexos, alguns deles entre localidades e

⁵ Ver Lipset e Rokkan (1967).

outros através e dentro das localidades (LIPSET; ROKKAN, 1967, p. 13, tradução nossa).

A clivagem Proprietário – Trabalhador, por exemplo, surgiu da Revolução Industrial e das crescentes massas de trabalhadores assalariados que, ressentidos pelas suas degradantes condições de trabalho, formaram partidos e sindicatos para reivindicar seus interesses. O fenômeno da Revolução Industrial, além do mais, acentuou os conflitos urbanos *versus* rurais, produzindo novos alinhamentos partidários. Já os partidos agrários surgiram em localidades em que a agricultura era protegida ou fortemente presente, adicionando uma oportunidade de resistência aos agricultores e suas posições (LIPSET; ROKKAN, 1967).

Com o advento da Segunda Guerra Mundial, no entanto, os autores passaram a identificar que essas clivagens se tornaram mais tênues e passou-se a discutir o possível surgimento de novas clivagens. A melhora das condições de vida pós-guerra, a chegada da classe média e as mudanças tecnológicas estariam trazendo o possível aparecimento de novos valores e clivagens (LIPSET; ROKKAN, 1967). Seymour Lipset e Stein Rokkan, entretanto, alegavam que “os sistemas partidários dos anos 60 refletiam [...] as estruturas de clivagens dos anos 20” (LIPSET; ROKKAN, 1967, p. 47, tradução própria). Argumento que, atualmente, é contrariado pelos trabalhos de Ronald Inglehart e outros influentes estudiosos.

Acredita-se que a clivagem de classe, a mais destacada de todas, estaria sendo atenuada pelo estabelecimento das sociedades pós-industriais. Isto é, com a modernização e o aumento da educação, os indivíduos estariam realizando decisões políticas baseadas na sua individualidade e não mais tanto em conflitos coletivos (BALE, 2017). Esta ideia provém diretamente do conceito de pós-materialismo, qual seja, a tendência

de que uma vez satisfeitas as necessidades básicas [...], as pessoas estariam evitando crenças e comportamentos políticos com base na defesa ou promoção de interesse material em favor de interesse em questões de "qualidade de vida", auto-expressão e garantia dos direitos e bem-estar das minorias e /ou dos menos afortunados (BALE, 2017, p. 205, tradução própria)

Assim, estariam emergindo pautas que incluem novos valores como direitos animais e defesa do meio-ambiente, defesa das minorias, paz, globalização, direitos das mulheres e igualdade racial - o que explicaria o surgimento de novos partidos e de um novo alinhamento partidário (BALE, 2017). Isso tudo, portanto, lança controvérsias a respeito dos interesses da população estarem mudando.

2.2 A TEORIA PÓS-MATERIALISTA DA MUDANÇA DE VALORES

Importantes autores como Gabriel Almond alegam que “o trabalho de Inglehart é um dos poucos exemplos de predições bem-sucedidas na ciência política” (ALMOND, 1990 apud ABRAMSON; INGLEHART, 1995, p. 139, tradução própria). Tal argumento prova ser verdadeiro ao longo dos inúmeros trabalhos desenvolvidos por Inglehart em todos os continentes para verificar com dados concretos o desenvolvimento dos chamados valores pós-materialistas. A chegada dos valores pós-materialistas parece ter, de fato, favorecido a emergência de novos movimentos sociais e a diminuição da intensidade de outras clivagens (ABRAMSON; INGLEHART, 1995).

As antigas clivagens estariam se atenuando pelo seu insucesso em defender os novos interesses políticos dos cidadãos. Autores contrários à tese de Inglehart, no entanto, criticam a relação desses valores pós-materialistas com a mudança de interesses políticos (ABRAMSON; INGLEHART, 1995). O fato é que a tese de Inglehart é mais labiríntica do que pode parecer à primeira vista, postulando variações de longo-prazo, curto-prazo, culturais, etc.

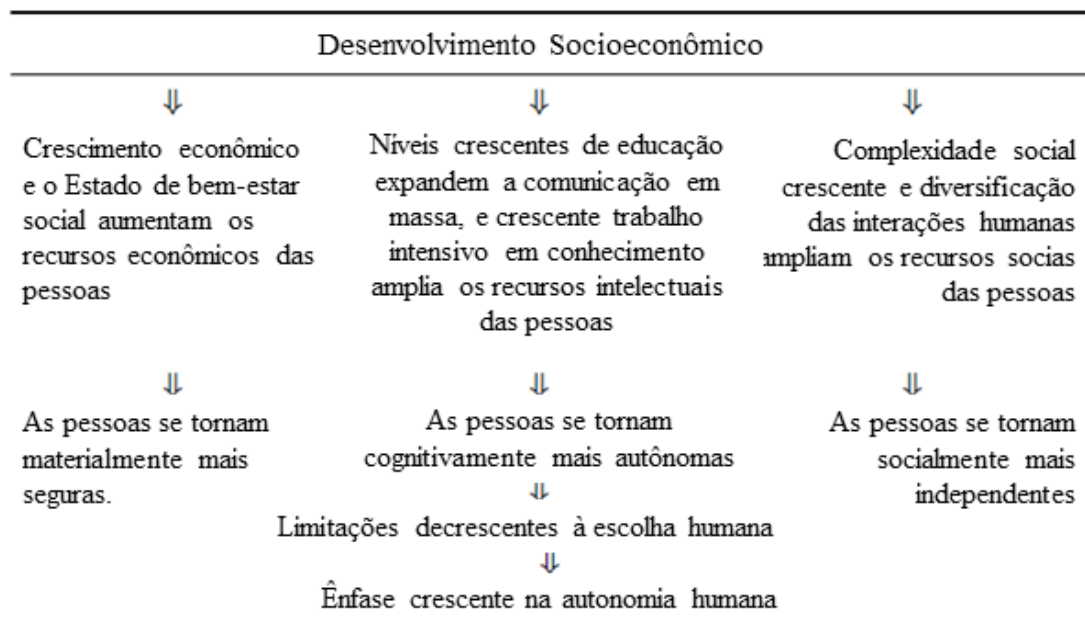
Um primeiro passo na direção do entendimento da sua tese seria nos questionarmos por que está ocorrendo uma mudança de valores. A explicação se baseia na prosperidade provinda do contexto pós II Guerra Mundial e na ausência de grandes guerras (INGLEHART, 1997). Mas, mais especificamente, a resposta se encontra na própria teoria da modernização.

Segundo Inglehart, “o estudo da modernização foi um dos componentes de maior influência nas ciências sociais do final dos anos cinquenta e início dos anos sessenta (1994, p. 63, tradução própria). Com efeito, essa teoria conta com enorme prestígio pelo seu poder preditivo acerca dos rumos da sociedade pós-industrial (INGLEHART, 1994).

Seu poder preditivo provém da sua capacidade de antever mudanças políticas e culturais em vários estratos da população. As predições culturais estariam associadas a relações causais coerentes provindas de laboriosos modelos de previsão (INGLEHART, 1994). A mais importante predição seria de que condições econômicas adequadas performam um papel decisivo no florescimento de valores pós-materialistas. Mas veja-se bem, não é que o desenvolvimento econômico traga automaticamente os novos valores, mas que o desenvolvimento aumenta as chances de que tais valores floresçam (INGLEHART, 1990). Daí a utilidade da teoria da modernização para as teses de Ronald Inglehart.

Segundo a teoria da modernização, diferentemente das sociedades pré-industriais, nas sociedades pós-industriais o desenvolvimento econômico, somado à urbanização, progresso do setor terciário, educação em massa, industrialização e organização política de sindicatos e afins, condicionou a mudança de valores (INGLEHART, 1994). Ainda que o desenvolvimento não seja linear, ele propiciou grandes mudanças em estágios iniciais (INGLEHART, 1990; INGLEHART, 1994). O quadro 2 abaixo ilustra melhor tal modernização:

Quadro 2 – Os Efeitos Emancipadores do Desenvolvimento Socioeconômico



Fonte: elaborado por Inglehart e Welzel (2018, p. 25, tradução própria).

Para Ronald Inglehart, Hermann Dülmer e Christian Welzel (2015), a modernização teria ocorrido em duas fases distintas. A primeira se refere à transição da sociedade agrária para a sociedade industrial, representando uma substituição dos valores tradicionais pelos valores seculares-rationais. A segunda fase, por outro lado, se refere à transição de instintos de sobrevivência para valores de autoexpressão. Ambas as fases culminariam numa mudança fundamental, passando de necessidades materiais para interesses mais subjetivos de maximização do bem-estar (DÜLMER; INGLEHART; WELZEL, 2015). Mas de que maneira isto estaria ocorrendo?

Segundo Inglehart (1990), os valores estariam se desenvolvendo sob condições de escassez econômica. Isto é, funcionando similarmente ao princípio da utilidade marginal

decrecente, o princípio da escassez argumenta que conforme a escassez diminui, outras variáveis passam a moldar a sociedade (INGLEHART, 1990). As novas questões em voga seriam não-econômicas e formariam um novo eixo de polarização política baseado em problemas que ainda não foram resolvidos pelas sociedades (INGLEHART, 1990).

Esses problemas teriam como ponto central a cultura, sendo através dela que a sociedade estaria baseando suas crenças, valores e interesses (INGLEHART, 1994). Enquanto nas sociedades pré-industriais as clivagens eram intensamente tomadas por discordâncias religiosas – seculares ou urbano – rurais, por exemplo, nas sociedades pós-industriais os cidadãos estariam se organizando de maneira mais profunda, buscando uma distribuição mais justa (INGLEHART, 1994).

É devido a isso que se considera que a industrialização, o desenvolvimento econômico e outros fatores facilitaram a organização da sociedade em sindicatos, partidos e movimentos sociais de maneira a transformar as prioridades dos indivíduos (INGLEHART, 1990). Não seria mais possível, portanto, voltar a um estado primitivo em que apenas as clivagens anteriores estariam presentes, “conforme clivagens econômicas se tornam menos intensas com crescentes níveis de desenvolvimento econômico, elas gradualmente dão lugar a outros tipos de conflitos” (INGLEHART, 1990, p. 253, tradução própria).

Destarte, a ascensão do pós-materialismo vem acompanhada de novas pautas que visam avançar o bem-estar humano (INGLEHART, 1990). A independência social, material e intelectual proveniente da modernização propicia uma segurança existencial, o que leva os cidadãos a enfatizar sua autonomia individual, isto é, seus valores de autoexpressão (INGLEHART, 2018). Assim, “valores crescentes de autoexpressão transformam a modernização em um processo de desenvolvimento humano, gerando uma sociedade cada vez mais centrada nas pessoas. Isso reflete uma transformação humanística da modernidade.” (INGLEHART, 2018, p. 3, tradução própria).

Essa transformação humanística está remodelando os valores como os conhecemos, sejam eles o papel da mulher, a visibilidade LGBTQ, os valores familiares, nossa relação com o meio-ambiente e o consumo, a defesa da paz, a receptividade com imigrantes, entre outros (INGLEHART, 2018).

No quadro 3, podemos verificar melhor tais relações do desenvolvimento humano:

Quadro 3 – O Processo de Desenvolvimento Humano

Desenvolvimento Humano			
	Dimensão Socioeconômica	Dimensão Cultural	Dimensão Institucional
Processos avançando o desenvolvimento humano	Modernização	Mudança de Valores	Democratização
Componentes do desenvolvimento humano	Recursos socioeconômicos	Valores de autoexpressão	Liberdades civis e políticas
Contribuições do desenvolvimento humano	Aumento das <i>capacidades</i> das pessoas de agir de acordo com suas escolhas	Aumento da <i>prioridade</i> das pessoas de agir de acordo com suas escolhas	Ampliação do direito de ser das pessoas de agir de acordo com suas escolhas
Tema subjacente	Ampliação da escolha humana (uma sociedade crescentemente humanista)		

Fonte: elaborado por Inglehart e Welzel (2018, p. 3, tradução própria).

Devemos notar que tanto os elementos pós-materialistas, quanto os elementos materialistas são fundamentais na sociedade. A questão é que o pós-materialismo está inegavelmente exercendo um papel cada vez maior e, por isso, o significado de esquerda e direita, no sentido mais comum dos termos, foi transformado: os partidos estão tendo que se rearranjar e novos partidos estão emergindo para representar a nova clivagem (INGLEHART, 1990).

Essa mudança na agenda política tem se tornado cada vez mais complexa, o que encorajou Inglehart e outros cientistas da área a fundarem a *World Values Survey* (WVS) – cujo propósito seria prover uma rica base de dados de pesquisas levadas a cabo em diversos países (CARBALLO; MORENO, 2013; INGLEHART; CARBALLO, 2013). A organização foi fundada em 1981 e, ao longo dos anos, passou de analisar apenas 24 países para analisar aproximadamente 100 países em diversos continentes, sendo um deles a América Latina (CARBALLO; MORENO, 2013; WVS, 2018). A WVS realiza, aliás, diversos questionários com o objetivo de coletar dados acerca das mudanças de valores organizados em séries temporais, isto é, ondas de valores (WVS, 2018). Consequentemente servindo o principal

propósito de evidenciar as teses de Inglehart, entre elas a da mudança intergeracional de valores⁶ (CARBALLO; MORENO, 2013).

Segundo essa teoria, com a melhora das condições de vida, as pessoas nascidas no período⁷ pós-guerra estariam desfrutando de uma prosperidade capaz de ocasionar uma mudança intergeracional de valores que gradualmente transformaria o comportamento da sociedade. Esta tendência mostraria, ademais, a clara polarização entre os valores materialistas e pós-materialistas a nível societário e individual (INGLEHART; CARBALLO, 2013).

Como as mudanças societárias ocorrem conforme a população vai sendo substituída, a mudança de valores é clara, apesar da existência de algumas flutuações de curto prazo (DÜLMER; INGLEHART; WELZEL, 2015).

A mudança de valor entre gerações não é automática: ocorre apenas se os cohorts mais jovens de uma sociedade experimentarem condições de vida mais seguras ao longo dos anos pré-vida adulta, crescendo assim com a ideia de sobrevivência garantida. Se isso ocorrer, eles tenderão a deixar de dar prioridade máxima aos valores de sobrevivência para dar prioridade máxima à livre escolha e à autoexpressão individual (DÜLMER; INGLEHART; WELZEL, 2015, p. 69, tradução própria)

Caso a prioridade passe a ser os valores de autoexpressão individual, os mais jovens tenderão a requisitar direitos pertencentes às novas pautas políticas. Haverá uma procura maior por reconhecimento e tolerância quanto a direitos de gênero, raciais, liberdade sexual, abertura a imigrantes e estrangeiros, apoio à cooperação internacionais e direitos humanos e muitos outros (INGLEHART; NORRIS, 2016). Adicionalmente, se condições físicas e econômicas adequadas estão presentes, é provável que haja uma maior ênfase à educação e, portanto, aos valores de autoexpressão. Mas, se as sociedades sofrerem abalos econômicos, pode ocorrer uma guinada em direção a valores tradicionais e de sobrevivência entre os mais jovens (DÜLMER; INGLEHART; WELZEL, 2015).

Inglehart (2016) defende, deste modo, que a segurança existencial é essencial para a teoria – qualquer forte impacto econômico é capaz de provocar variações nos valores, causando apoio a candidatos que provêm as necessidades mais básicas dos cidadãos . Por

⁶ “Inglehart defende duas proposições adicionais: (1) uma hipótese de escassez que postula que 'se atribui maior valor subjetivo a coisas que são relativamente escassas' e (2) uma hipótese de socialização que argumenta que 'os valores básicos de uma pessoa refletem as condições que prevaleciam durante anos pré-adultos’” (INGLEHART, 1977 apud DÜLMER; INGLEHART; WELZEL, 2015, p. 70, tradução própria).

⁷ Inglehart (1977) utiliza o conceito de *cohorts* para classificar grupos de pessoas nascidas num mesmo período.

outro lado, o surgimento de qualquer comportamento que não se encaixe nas normas tradicionais tende a ser aceito pelos mais jovens inclinados ao pós-materialismo. Não é à toa que pós-materialistas são mais abertos à liberdade humana e de escolha, enquanto materialistas tendem a reforçar as normas perpetuadas pela sociedade (INGLEHART, 2018).

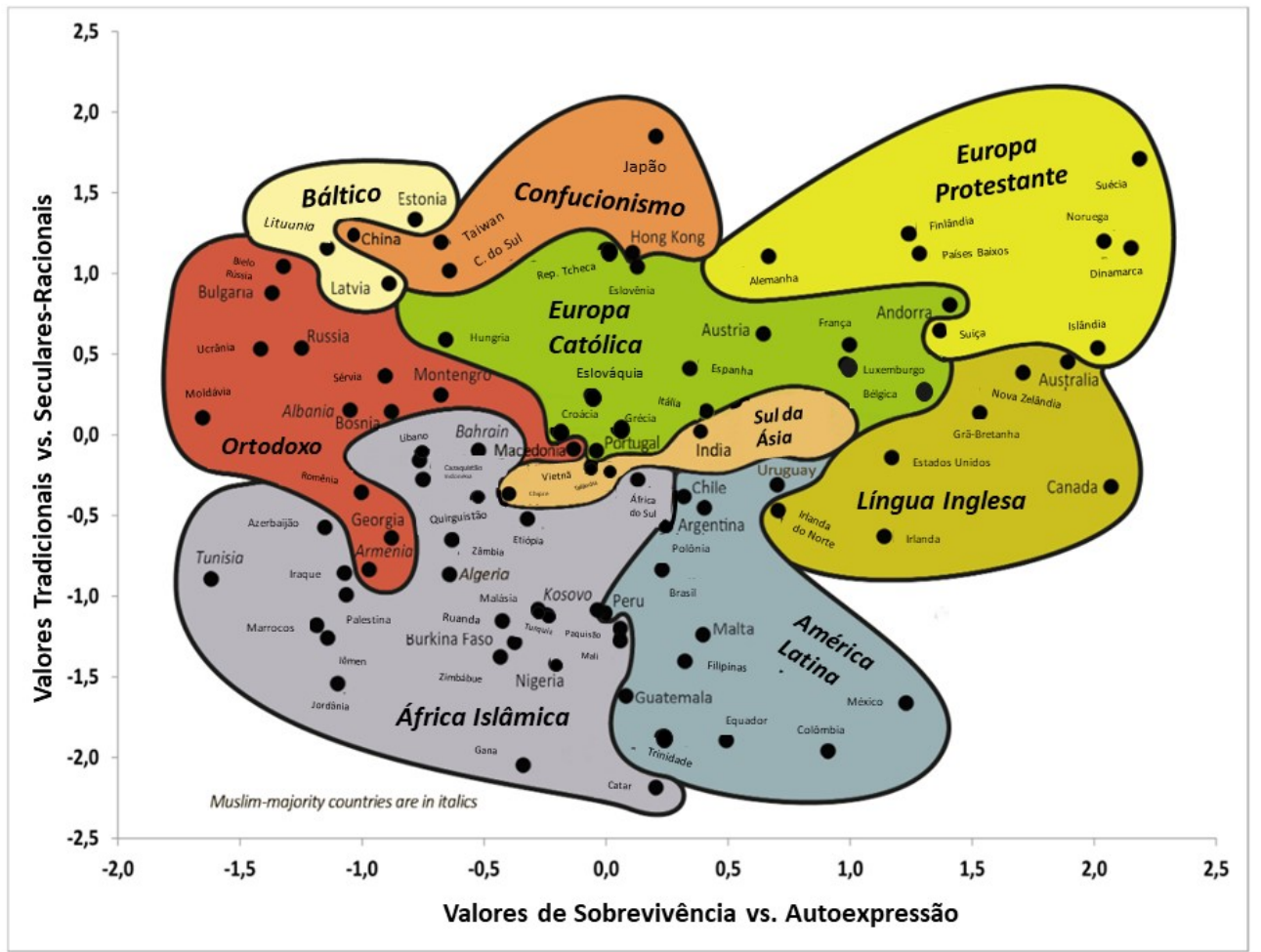
Mas a sociedade pode compartilhar tanto de valores pós-materialistas quanto materialistas, por isso a análise é comumente dividida em variáveis pré-industriais, variáveis industriais e variáveis pós-industriais. As variáveis pré-industriais são aquelas menos suscetíveis a mudanças intergeracionais, sejam elas religião, raça ou língua. Já as variáveis industriais, relacionadas com classe, ocupação e educação são mais suscetíveis a mudanças intergeracionais, enquanto as pós-industriais são altamente variáveis (INGLEHART, 1977).

É interessante notar ainda que todas as variáveis podem ser transmitidas de geração em geração de diferentes maneiras e em diferentes intensidades, variando especialmente de acordo com a cultura (INGLEHART, 1977). As variações transculturais provindas das mudanças graduais intergeracionais ocasionam, portanto, diferentes valores. E para realizar uma análise adequada das variações culturais, desenvolveu-se um mapa bidimensional para posicionar as sociedades (INGLEHART; CARBALLO, 2013).

O mapa de Inglehart, remotamente similar ao de Huntington⁸, classifica as civilizações em diferentes zonas culturais que possuem como base religião, herança colonial e outros fatores. O mapa cultural demonstra como as tradições culturais e históricas deixaram importantes marcas para as forças que levaram às atuais mudanças de valores (DÜLMER; INGLEHART; WELZEL, 2015).

Figura 1 – Mapa Cultural da 6ª onda da WVS (2010-2014)

⁸ Ver livro “The Clash of Civilizations” de Huntington, 1993.



Fonte: WVS (2018, tradução própria).

No mapa acima, podemos inclusive notar como a distribuição das civilizações está relacionada com o impacto da modernização na região (DÜLMER; INGLEHART; WELZEL, 2015). Países localizados no canto inferior esquerdo dão mais ênfase aos valores de sobrevivência e tradicionais, enquanto os países do canto superior direito enfatizam mais valores de autoexpressão e seculares-rationais. Isto não significa dizer, no entanto, que os países localizados no canto inferior esquerdo não compartilhem de valores pós-materialistas em determinado grau. Apenas significa que eles são mais propensos a adotar valores morais tradicionais como rejeição ao aborto, alto nacionalismo, unidade familiar, entre outros devido a fatores culturais, geográficos e religiosos (INGLEHART; CARBALLO, 2013).

Todos estes são grupos relativamente coerentes, afinal mesmo grupos intra-Estado que não sejam católicos, por exemplo, podem estar sujeitos ao legado cultural da religião católica predominante (INGLEHART; CARBALLO, 2013). Uma análise mais aprofundada como a

que se pretende aqui, entretanto, nos permitirá evidenciar similitudes e diferenças dentro do próprio continente latino-americano.

Autores como Ronald Inglehart e Marita Carballo (2013) levantam importantes questões quanto à coerência da América Latina como um todo. À medida que a América Latina passa por um desenvolvimento econômico mais aprofundado, as diferenças Materialistas – Pós-materialistas entre os latino-americanos e os europeus, por exemplo, tenderão a desaparecer. A visão da América Latina, ademais, reflete seu legado histórico, cultural e até colonial. Apesar das diferenças entre os países e dentro deles, a zona latino-americana se apresenta como coerente frente a outras zonas (INGLEHART; CARBALLO, 2013).

Apoiando-se nas séries temporais, Inglehart consegue nos trazer importantes informações acerca da formação dos valores da América Latina – uma região que varia entre valores tradicionais e de sobrevivência e valores de autoexpressão e seculares-rationais (CARBALLO; MORENO, 2013). Olhar os mapas culturais e os questionários realizados pela WVS desperta atenção a como as zonas podem variar em termos de valores. Mais do que isto, desperta curiosidade quanto ao fato de que os valores podem variar mesmo dentro dos países. Como Inglehart (1977, p. 184, tradução própria) identifica, “uma das características mais marcantes dos indivíduos pós-materialistas em todos os países é o fato de serem recrutados principalmente nas camadas mais ricas da sociedade”. Não é por acaso, por conseguinte, que se analisa nesta monografia as elites culturais latino-americanas e seus valores em relação a relações internacionais.

2.3 ELITES CULTURAIS E PÓS-MATERIALISMO

Acerca das elites culturais, antes de operacionalizar tal conceito, vale ressaltar que a expressão “elites culturais” é utilizada aqui meramente com o propósito de ilustrar como a elite se comporta do ponto de vista cultural. Focar-se-á neste subcapítulo, por conseguinte, em como determinados grupos, isto é, elites, podem ser enxergadas através dos seus comportamentos, costumes e crenças culturais. Isto é, busca-se operacionalizar o conceito de elites, entendendo-as por valores pós-materialistas. Abordando o caso específico latino-americano percebe-se que elites culturais manifestam valores pós-materialistas particulares. Mais do que isto, verifica-se que, enquanto há certos padrões nas escolhas e

afinidades destes grupos, há também particularidades na comparação entre valores específicos pós-materialistas, mostra-se necessário, conceituar “elites” e “culturais”.

Primeiramente, o conceito de elites ganhou amplo uso quando, durante o século XIX, numerosos cientistas políticos e sociólogos⁹ passaram a usá-lo para referir-se “àquelas posições na sociedade que estão no cume de estruturas sociais chaves - [constituindo-se assim como] as mais altas posições na economia, no governo, no âmbito militar, na política religião, na organização em massa, educação e outras profissões” (LIPSET; SOLARI, 1967, p. VII, tradução nossa). Para Lipset e Solari (1967), ademais, a distinção entre elites e não-elites persiste independente do tipo de estrutura econômica, seja ela feudal ou capitalista, por exemplo.

Outros autores como Norberto Bobbio (1998) entendem elites especificamente como uma minoria que detém poder - apresentando, então, uma concepção de uma sociedade desigual em que uma minoria possui grande poder e uma maioria detém pouco poder (a grande massa), sendo tais poderes reforçados ou restringidos pelas estruturas sociais presentes em cada sociedade. Seja como for, neste subcapítulo o interesse são as elites em função de sua caracterização cultural e sua aplicação regional latino-americana.

Com este fim, faz-se necessário voltar alguns séculos no passado e entender o contexto histórico latino-americano. Durante o domínio ibérico¹⁰, as elites da América Latina foram amplamente constituídas por membros da alta sociedade, isto é, latifundiários, que moldaram o comportamento da própria elite e de outras classes por décadas. Na maior parte das nações regionais deste período, a agricultura dominou com um pretexto de valores pré-industriais - criando uma forte ideologia de que os Estados eram dependentes da agricultura e de suas terras - devendo o Estado, por conseguinte, se curvar aos grupos de latifúndios e seus interesses (LIPSET, 1967).

As classes dominantes eram, deste modo, locais e oligárquicas - ditando os termos da emergência dos Estados-nação latino-americanos - outras classes consideradas não-produtivas eram excluídas, criando um sistema de reforço dos ganhos das elites agricultoras (CARDOSO, 1967).

A questão é que, como qualquer sistema de valores, o sistema de valores latino-americano também esteve passível a mudanças e mudou e continua a mudar lentamente

⁹ Autores famosos como Pareto, Mosca, Michels e Mills foram alguns dos primeiros a definir o termo “elites” (LIPSET; SOLARI, 1967).

¹⁰ O domínio ibérico refere-se aos séculos de domínio da região pelo colonialismo português e espanhol.

numa direção mais industrial, universalista e homogênea - apresentando pouco a pouco mudanças quanta à essência ibérica pré-industrial de suas elites e convergindo para o surgimento de novas elites desafiadoras do *status quo*. (LIPSET, 1967).

Já no contexto do pós-Segunda Guerra, estas mudanças ficam mais claras. Com o aparecimento de novos grupos urbanos e uma classe média, a estrutura social latino-americana passa por mudanças de caráter social e econômico - começando aí a emergir uma necessidade de redistribuição do poder e das riquezas. As cidades se tornam centros de comunicação em massa e símbolos da modernidade e do cosmopolitismo - tendo estratos sociais que cada vez demandam mais desenvolvimento social e mudanças (RATINOFF, 1967).

A partir de então, afloram grupos de classe baixa que demandam acesso ao mercado e à vida política e manifestam-se grupos de classe média urbana que ganham um certo controle do aparato político - tem lugar, assim, alguma modernização política e uma transição (CARDOSO, 1967). Tendo-se em mente que “as atividades da elite determinam a velocidade e a eficácia com que a política se move em direção à integração e à modernidade política”, no entanto, esta transição vai ser extremamente cautelosa (SCOTT, 1967, p. 117, tradução própria). Gradualmente, as sociedades regionais irão mudando com a expansão da educação, dos transportes e do surgimento de homens de negócios, industrialistas e afins. Com os anos, passam a surgir pequenas elites compostas por grupos de classe média que demandam vigorosamente participação nos processos decisórios. (SCOTT, 1967).

Com as transformações regionais, as elites tradicionais locais passam a lentamente ter seu poder desafiado e ameaçado - à luz das mudanças sociais e econômicas em ordem, as elites não mais terão seu poder absolutamente perpetuado pelo *status quo*. As novas condições, sendo assim, reforçam um novo status no sistema político. Isto irá rapidamente engendrar um sentimento de insegurança em meio às elites tradicionais - que sentem cada vez mais a pressão dos novos grupos sociais. Esta situação, ainda assim, nada mais é do que uma competição pela maximização do poder. As antigas detentoras do poder são questionadas aqui pelas novas elites aspirantes (SCOTT, 1967).

E aqui reside o cerne da questão. Este emergente desafio às elites tradicionais é acompanhado do aparecimento de elites culturais, ainda que elas tenham recebido pouca atenção pela literatura convencional (BONILLA, 1967). Estas elites culturais devem primeiramente ser caracterizadas pela própria palavra cultural que, segundo Bonilla (1967),

deve ser entendido como cultura - isto é, como um sistema de crenças e símbolos expressivos revestidos de descoberta, criações e novas formas de beleza. A cultura, sendo assim, define e dá caráter qualitativo às elites emergentes.

Já o conceito de elites culturais, por definição autêntica dada aqui, seria operacionalizado como a ideia de uma elite intrinsecamente conectada aos novos valores pós-materialistas. É evidente que em um único país haverá mais de uma cultura e de um conjunto de valores, mas a atenção aqui dá-se à formação de um grupo único com valores pós-materialistas que poderia classificar-se como detentor, ou ao menos aspirante, do poder e desafiador do poder tradicional, isto é, desafiador do clássico poder materialista (ECPR GENERAL CONFERENCE - UNIVERSITY OF ICELAND, 2011).

Se levadas em conta as dimensões econômica, securitária, ambiental e política segundo a ótica Inglehartiana, verifica-se que valores pós-materialistas surgem gradualmente em estratos detentores de poder - criando uma nova elite na América Latina, seja ela a elite cultural. Assim, não apenas percebe-se o surgimento de uma elite desafiadora, mas seu comportamento tem sido particularmente moldado pelas mudanças em voga na sociedade. Isto significa, por conseguinte, reconhecer que os valores e comportamentos da sociedade latino-americana tem mudado paralelamente ao seu desenvolvimento econômico e segundo os preceitos de Ronald Inglehart (NAKHAIE, 2016).

Sendo assim, se um grupo possui suas necessidades materiais garantidas, este tende a colocar mais ênfase nas necessidades simbólicas ou expressivas deixando evidente que a modernização econômica aumenta a possibilidade de grupos sociais desafiarem as elites tradicionais (NAKHAIE, 2016). A nova elite emergente, portanto, é uma espécie de elite cultural que desafia as elites presentes anteriormente na América Latina e nasce no seio de um materialismo lentamente decrescente.

Como a própria autora Nakhaie (2016, p. 273, tradução própria) percebe, “indivíduos que residem em países com maior prosperidade desafiarão as elites mais do que aqueles que residem em países menos prósperos” - afirmação que não deixa de ser verdadeira no contexto latino-americano cujos países crescentemente passam por prosperidade econômica. É evidente que a prosperidade e os valores pós-materialistas não são os únicos critérios para o surgimento de uma elite cultural, há a necessidade também de consideráveis oportunidades estruturais e redes organizacionais - ajudando a mobilizar os cidadãos como um corpo social. Mas a presença de ambos é inquestionavelmente necessária. Não é por um acaso que indivíduos com

maiores recursos intelectuais e financeiros possuem maiores chances de ascender à tal elite cultural (NAKHAIE, 2016).

Esse processo complexo de ascensão evidencia, aliás, que

[...] onde existe uma alta desigualdade econômica, aqueles com mais recursos devem poder ampliar mais sua participação política, porque podem arcar com os custos da participação. Por outro lado, indivíduos com menos recursos em um contexto social semelhante de alta desigualdade econômica têm relativamente menos recursos para poder participar do processo político. No geral, a pesquisa que enfoca o papel dos recursos socioeconômicos mostrou que educação, ocupação e renda tendem a diferenciar aqueles indivíduos ativos politicamente dos inativos (NAKHAIE, 2016, p. 275, tradução própria)

As informações acima são particularmente relevantes porque, como irá ser tratado no capítulo 4, elas evidenciam que a classe social é um dos critérios para a existência de uma elite cultural, isto é, pós-materialista. Na elite cultural pós-materialista latino-americana, portanto, os indivíduos podem desejar liberdade civil e de valores, usar suas redes organizacionais, e mobilizar e desafiar as elites tradicionais, mas restringidos por um ambiente de limitado crescimento econômico.

Tais elites, ademais, ainda que apresentando um caráter relativamente homogêneo em relação a outros continentes, diferenciam-se pelo próprio fato de que os valores pós-materialistas ainda estão em construção na América Latina e são confinados pelas suas amarras históricas. Seja como for, vale reforçar que o conceito concebido aqui como elites culturais tem a finalidade máxima de esclarecer que os valores pós-materialistas, ainda que cada vez mais relevantes, são adotados por grupos seletos na América Latina, e evidenciar que, mesmo na área de Relações Internacionais, tais valores serão heterogêneos pela própria dicotomia da elite tradicional e da elite emergente. Isso significa dizer, portanto, que elites culturais e grupos pós-materialistas funcionam como espécies de sinônimos quando aplicados à região latino-americana.

3 FUNDAMENTOS DA ANÁLISE QUANTITATIVA

O presente capítulo tem como objetivo apresentar os fundamentos da análise deste trabalho, abordando tanto suas bases metodológicas em termos de valores quanto suas bases em termos de opinião pública. Os dois subcapítulos existentes dividem-se da seguinte maneira: (i) no primeiro subcapítulo discutir as raízes históricas da WVS e suas características, abordando como as *surveys* e as ondas de análise ocorrem e de que maneira são realizadas e (ii) analisar no segundo subcapítulo a discussão sobre opinião pública e Relações Internacionais, buscando evidenciar o que constitui opinião pública, sua relação com o campo e os debates acerca da importância e qualidade da opinião pública.

3.1 A WORLD VALUES SURVEY E AS ONDAS DE ANÁLISE

O surgimento da *World Values Survey* – Pesquisa Mundial de Valores – é produto do empenho de uma rede global de cientistas sociais que buscam estudar e comparar as mudanças e valores culturais de múltiplas sociedades (WVS, 2019b). Atualmente, as *surveys* não apenas são conduzidas em quase 100 países, representando aproximadamente 90% da população mundial, mas representam também um projeto amplamente utilizado por governos, organizações não-governamentais e entidades privadas (WVS, 2019b). Os dados produzidos contribuem para um amplo debate acerca de democratização, religião, igualdade de gênero, bem-estar, desenvolvimento econômico e outros tópicos, por exemplo (WVS, 2019b).

A WVS, no entanto, surgiu como fruto das primeiras pesquisas de valores realizadas na Europa. O *European Values Study* (EVS), conduzido em 1981 sob a administração de Jan Kerkhofs e Ruud de Moor, foi o primeiro estudo a apontar as mudanças de valores nos Estados-membros da antiga Comunidade Europeia. Neste estudo, houve a primeira tentativa de buscar variáveis importantes (latentes) que apontariam para os valores pós-materialistas - assim, as primeiras técnicas desenvolvidas eram chamadas de estruturas latentes (HALMAN; MOOR, 1994).

Na primeira exploração de dados encontrou-se a presença de várias variáveis latentes, isto é, valores. O mais interessante é que esta primeira pesquisa exploratória permitiu que se comprovasse que as perguntas das *surveys* eram aplicáveis a diferentes países e comparáveis, o que permitiu entender claramente as diferenças de valores entre diferentes grupos europeus, despertando o interesse de vários outros países europeus e não-europeus que buscaram se

juntar ao projeto e utilizar o questionário da EVS. Como resultado, a EVS se tornou o grande projeto atual conhecido como *World Values Survey* (HALMAN; MOOR, 1994).

A WVS constitui atualmente a mais ampla investigação transnacional não-comercial em valores e crenças humanas já executada, objetivando auxiliar cientistas políticos, sociólogos, psicólogos, antropólogos, políticos e outros a compreender as mudanças de valores ao redor do mundo. É relevante ressaltar ademais que, utilizando um questionário comum para os países participantes e realizando entrevistas que chegam a aproximadamente 400.000 entrevistados, a WVS é um dos poucos estudos que busca cobrir a variedade cultural e de renda mundial, cobrindo países do Oriente ao Ocidente e dos mais desenvolvidos aos menos desenvolvidos (WVS, 2019a).

Os resultados da primeira onda de pesquisas apresentaram resultados evidenciando que mudanças nos valores intergeracionais estavam ocorrendo nos mais variados campos, indicando que os valores das gerações mais novas se diferenciavam dos valores das gerações mais antigas. Para analisar estes resultados mais profundamente, no entanto, ondas posteriores passaram a ser implementadas – incluindo múltiplas sociedades ao redor do globo (WVS, 2019a).

Hoje, a pesquisa já se encontra na sua sétima onda (2017-2018) abordando muito mais do que as 10 sociedades iniciais. Isto foi somente possível pela iniciativa de Ronald Inglehart em expandir as *surveys* de maneira a superar o eurocentrismo inicial e representar outros continentes como América Latina e Ásia. Atualmente, cientistas sociais variados executam, participam e analisam *surveys* nas suas respectivas sociedades permitindo que a WVS obtenha dados de todas as sociedades participantes (WVS, 2019a).

Na tabela abaixo podemos verificar as ondas já realizadas:

Tabela 1 – Ondas de Valores

Número da onda	Período de realização	Número de países abrangidos
1	1981-1984	10
2	1990-1994	18
3	1995-1998	55
4	1999-2004	65
5	2005-2009	58
6	2010-2014	60

Fonte: elaboração própria com base em WVS online (2019).

Para cada onda, os cientistas sociais de todas as sociedades participantes podem sugerir questões para o que será o questionário final. Com a evolução do questionário, percebe-se que algumas questões são melhor aplicáveis do que outras e, assim, o questionário pode ir mudando de uma onda para outra – inserindo-se e retirando-se questões. Em alguns casos, além do mais, determinadas questões podem ser omitidas de um determinado questionário nacional por serem consideradas problemáticas (WVS, 2019).

Somado a isso, as amostras nacionais devem ser representativas de pessoas entre 18 anos e 85 anos de idade independente das suas nacionalidades, cidadanias ou línguas e devem ser depositadas de maneira anônima. O método das *surveys* é por coleção de dados via entrevistas presenciais ou por telefone em que as respostas dos entrevistados podem ser gravadas ou escritas. Essas coleções de dados irão passar tanto pela condução do investigador-diretor do país em questão, quanto por um rigoroso processo de verificação (WVS, 2019). É do nosso interesse ressaltar ainda que a análise dos dados pode ocorrer em três níveis: análise por país, análise por onda e análise longitudinal. A análise por onda permite que se compare resultados entre diferentes países, enquanto a análise longitudinal permite que se analisem padrões integrando ondas e países (WVS, 2019).

A acessibilidade dos dados, além de tudo, “permite a qualquer pesquisador fazer suas análises estando ou não alinhados ao marco teórico do grupo de pesquisa. A WVS representa assim mais uma iniciativa que possibilita viabilizar trabalhos, pesquisas de cunho coletivo” (CASTRO; RANINCHESKI; CAPISTRANO, 2015, p. 58). As pesquisas, por conseguinte, permitem que os investigadores testem e comprovem hipóteses através da investigação de

distintos momentos históricos em diversas áreas geográficas (CASTRO; RANINCHESKI; CAPISTRANO, 2015).

Por último, é de caráter perceptível que as *surveys* provêm das teorias desenvolvidas por Ronald Inglehart acerca do pós-materialismo e da mudança de valores dando bases concretas para o entendimento das transformações recorrentes nas sociedades. Não foram muitas as mudanças na mensuração deste pós-materialismo ao longo dos anos e, apesar da constante inserção e retirada de dados, as discussões mantêm sua essência de buscar o papel da cultura nos valores de diferentes grupos (CASTRO; RANINCHESKI; CAPISTRANO, 2015).

3.2 OPINIÃO PÚBLICA, *SURVEYS* E RELAÇÕES INTERNACIONAIS¹¹

Embora os estudos acerca do campo de Relações Internacionais e a opinião pública possam ser encontrados ao longo da história clássica, os estudos acerca da opinião pública e sua relação com relações internacionais apenas começaram a ser analisados com profundidade a partir de trabalhos realizados no século XX na América do Norte. Segundo Holsti (2004), o debate acerca da função da opinião pública nas Relações Internacionais e na política externa é de caráter central nas discussões entre abordagens realistas e liberais.

Na verdade, debates entre teóricos americanos acerca do papel da opinião pública levaram a crescentes controvérsias ao relacionar o seu papel com as Relações Internacionais. Defensores da *delegative view* por exemplo, acreditam que a opinião pública deve exercer um papel essencial na formação da política externa, defendendo que políticos devem considerar a opinião pública na formulação de suas políticas e posições. Já apoiadores da *trustee view* sustentam que a opinião pública deve se restringir ao seu papel nas votações dos representantes, não devendo ser considerada nas decisões políticas dos representantes (FOYLE, 1999).

O debate mais latente, ainda assim, concerne ao dissenso entre realistas e liberais. “Para a tradição realista das relações internacionais, a definição do papel que deve ser dirigido à opinião pública nas questões internacionais se baseia na percepção de que esta seria carregada de paixões, volatilidade e instabilidade” (ALBANUS, 2018, p. 17). Clássicos realistas como Hans Morgenthau e Walter Lippman atestam que o envolvimento público nas decisões têm apenas efeitos arriscados na formulação das posições em relações internacionais

¹¹ Este subcapítulo foi realizado com base na dissertação de Adriana Albanus (2018).

(FOYLE, 1999). Morgenthau defende que a opinião pública é emocional e não racional (HOLSTI, 2004).

Assim, de modo cético, teóricos desta corrente como Morgenthau e Hobbes têm defendido que os humanos são excessivamente guiados por emoções a ponto de não possuir a capacidade de representar uma opinião pública confiável. Para os realistas, o envolvimento público teria um impacto negativo na condução das negociações em relações internacionais a ponto de prejudicar a flexibilidade, rapidez e as qualidades da diplomacia – pondo, portanto, a estabilidade do Sistema Internacional em perigo (HOLSTI, 2004).

Ao contrário dos realistas, os liberais consideram que a opinião pública possui a aptidão de conter a ambição das elites, moderando a influência de determinados grupos (FOYLE, 1999). Woodrow Wilson, por exemplo, sustentava que a razão motivava a opinião pública (FOYLE, 1999). Seus Catorze Pontos incluíam uma clara visão da importância de trazer a diplomacia e as relações internacionais para mais perto do público em geral (HOLSTI, 2004). Wilson, portanto, defendeu uma visão contrária àquela que defendia ser a opinião pública volátil, instável e sem capacidade para entender a complexidade das relações internacionais (HOLSTI, 2004).

Com efeito, sua visão estava em consonância com o entendimento do público como uma corte (HOLSTI, 2004). Isto é, com as visões de Jeremy Bentham que caracterizaram a opinião pública como um tribunal julgador do governo e preventor do desgoverno (CUTLER, 1999). Segundo Cutler (1999), Bentham acabaria sendo um teórico pioneiro a defender o papel da opinião pública, indo de encontro a outros importantes teóricos como Robert Shapiro e Benjamin Page. De fato, isto demonstraria que, para a corrente liberal, a opinião pública exerceria um papel central no exercício político das relações externas.

O problema é que por muito tempo a corrente predominante foi a realista com o retrato central do que Holsti (2004) caracterizou como Consenso Almond-Lippmann. Ambos autores, Gabriel Almond e Walter Lippmann, vieram a ser por muito tempo os ícones centrais de uma visão amplamente aceita que renegava a opinião pública ao segundo plano. O americano Lippmann, em sua obra *Public Opinion*, questionou enfaticamente a capacidade do cidadão comum em emitir opiniões concisas e coerentes (HOLSTI, 2004). Ainda que sua obra seja relativamente antiga, ela atingiu um papel central em influenciar os pontos de vistas de teóricos e estudantes ao redor do mundo (HOLSTI, 2004).

Para começar, o primeiro passo de Lippmann em direção à sua visão pessimista ocorreu no pós-Revolução russa, momento em que este se convenceu de que as notícias da mídia eram tomadas por emoções em vez de fatos. Para o autor, os indivíduos baseavam seus credos em noções pré-concebidas, o que o motivou a estudar o pensamento político e sua relação com psicologia e comunicação (LIPPMANN, 1997).

A partir destes estudos, Lippmann formulou a ideia de “pseudoambiente”. Para ele, “o ambiente externo real seria demasiado grande, complexo e volátil para o direto entendimento dos cidadãos” (LIPPMANN, 1997, p. 16). Assim, o cidadão médio nunca seria capaz de compreender claramente a realidade política – especialmente pelo seu pouco e curto envolvimento com as preocupações públicas. O problema central, segundo o escritor, é que o que as pessoas acreditariam ser fatos, seriam apenas frutos do pseudoambiente – seriam distorções ou como o autor acredita “imagens das nossas cabeças”. Essas imagens não corresponderiam à realidade e determinariam, ademais, grande parte dos nossos comportamentos políticos (LIPPMANN, 1997).

Tudo que vemos seria, deste modo, resultado das interpretações individuais distorcidas – que poderiam ser falsas, próximas da verdade ou mescladas. O pseudoambiente seria resultado da necessidade humana de simplificar a complexidade dos fatos e, portanto, seria extremamente difícil que as pessoas chegassem a formar uma opinião pública razoável, sendo os especialistas os únicos capazes de prover imagens reais da realidade (LIPPMANN, 1997).

Como vimos, sua publicação estava extremamente preocupada com a capacidade da opinião pública em compreender a realidade política. Para o autor (1997), a opinião pública teria sido destrutiva em momentos cruciais da história humana – tendo desenvolvido um poder perigoso em matérias essenciais para a sociedade. Segundo sua abordagem cognitiva, tudo que criamos e defendemos são construtos das imagens que formamos para facilitar nossa compreensão – o que estaria nos levando a ignorar aquilo que não pactua com nossos credos (LIPPMANN, 1997).

É por essas combinações e volatilidade que as figuras nas nossas cabeças não poderiam ser confiáveis. A massa desses indivíduos seria limitada, portanto, pela sua própria inaptidão ao prestar pouca atenção às notícias, ao governo e ao simplificar em demasia os fatos que ocorrem no campo político, econômico e social. Tais limitações formariam apenas uma grande opinião aleatória e ambivalente – privada de qualidade e coerência (LIPPMANN,

1997). Assim a opinião pública pouco ou negativamente contribuiria para a formulação das relações exteriores do país (HOLSTI, 2004).

Muito de acordo ao pensamento de Walter Lippmann está o pensamento de Gabriel Almond. Em 1950, Almond publicou sua obra *The American People and Foreign Policy*. Para o autor, existiria um mito pertencente a qualquer sistema político de que as pessoas são inerentemente sábias e justas, não sendo isto diferente em uma democracia. Esta crença para Almond não passaria de uma falácia. Os valores dos indivíduos seriam muito subjetivos para serem estáveis em relação ao seu comportamento no campo político – o público comum, assim como em Lippmann, não teria a competência de interpretar corretamente os problemas nas políticas públicas, especialmente no caso da política externa que seria um campo complexo (ALMOND, 1950).

O cidadão trivial não possuiria, portanto, a faculdade de tomar atitudes, adquirir conhecimento e emitir opiniões calculadas sobre questões de Relações Internacionais sem condicioná-las às negativas qualidades do seu caráter. As características “psicoculturais” dos indivíduos condicionariam seriamente a maneira de se pensar e agir em política externa influenciando negativamente a realidade. Assim, os indivíduos teriam comportamentos voláteis, heterogêneos, mundanos e nada autônomos. Mas mais do que isto, Almond defende que, em situações de guerra, o comportamento da opinião pública seria excessivo, com muito fatalismo e raiva (ALMOND, 1950).

É por isto que Almond apresenta a ideia de “humor”, que seria um resultado direto da predisposição dos indivíduos a instabilidades das emoções. Isso possibilitaria reações exageradas a eventos do mundo político sem um embasamento intelectual-racional. Esses humores não passariam, por conseguinte, de superficialidades e desinformações formando uma opinião pública extremamente limitada (ALMOND, 1950).

Diante dessas características, a opinião pública não seria, portanto, interessada, informada ou apta para um perfil ativo constante nas questões políticas e, em específico, a política externa, de acordo com a visão do autor. A população, nesse sentido, acaba[ria] por apresentar uma participação na formulação das políticas públicas de forma indireta e relativamente passiva (ALBANUS, 2018, p. 21).

Felizmente, autores como William Caspary, Jon Hurwitz e Mark Peffley, Benjamin Page e Robert Shapiro e Ole Holsti surgiram para revisar o consenso Almond-Lippmann. Esses autores trouxeram de volta as perspectivas mais liberais sobre a opinião pública e seu papel nas Relações Internacionais. Já em 2004, Holsti percebeu que com o aparecimento de

novos tópicos na agenda de Relações Internacionais – como imigração, comércio internacional, meio ambiente, etnias e religião – dificilmente a costumeira exclusão da opinião pública seria mantida. Tal predição parece ter se tornado verdadeira no ano de 2019.

O primeiro autor a contrariar Almond e Lippmann, no entanto, foi William Caspary com sua produção *The “mood” theory* no ano de 1970. Caspary refutou a premissa de Almond de que a opinião pública seria guiada por humores a ponto de desestabilizar as relações internacionais com seu envolvimento. Segundo Caspary (1970), seu próprio trabalho proveria evidências de que a opinião pública seria sim revestida de interesse e comprometimento por parte do público com a política externa. Consoante dados de uma pesquisa de opinião pública nacional realizados pelo *National Opinion Research Center* (NORC), haveria uma forte estabilidade no apoio popular quanto às relações exteriores. Caspary (1970) descobriu, ademais, que o comportamento público em relação a políticas individuais era também consideravelmente estável – o que provaria que as hipóteses de Almond estavam incorretas. Suas evidências empíricas foram não somente testadas por meio de indicadores e técnicas, mas provaram, ademais, que “a opinião pública americana era caracterizada por um ‘permissivo humor’ *forte e estável* em direção ao envolvimento internacional” (CASPARY, 1970, p. 546).

Mais tarde, foram Jon Hurwitz e Mark Peffley que questionaram as visões céticas de Almond e Lippmann. Objetando à premissa clássica de Almond, os autores observaram que as atitudes gerais do público ao longo do tempo eram relativamente estáveis. Utilizando o que eles nomearam de “modelos hierárquicos”, Hurwitz e Peffley (1987) constataram que seu modelo dava ampla base teórica para justificar que as atitudes políticas eram não apenas consistentes ao longo do tempo, mas também estruturadas e ancoradas em orientações gerais, ao contrário do que pesquisas anteriores sugeriam.

Uma terceira obra, além disso, contribuiu amplamente para os fundamentos positivos da opinião pública em Relações Internacionais. A produção de Robert Shapiro e Benjamin Page (1992) chamada *The Rational Public* tenha sido talvez a mais relevante em consolidar o papel da opinião pública. Os relevantes métodos quantitativos e correlacionais empregados comprovaram que a opinião pública poderia levar os políticos a elegerem políticas que o público preferiria (FOYLE, 1999). As pesquisas dos autores levaram, ademais, à conclusão de que havia alta congruência entre as preferências políticas do público e as políticas externas (FOYLE, 1999). Eles propõem, através de centenas de pesquisas realizadas entre 1935-1990,

que a opinião americana sustenta opiniões reais, sensíveis e estáveis – apenas mostrando mudanças racionais no longo prazo.

Shapiro e Page (1992) enfatizam fortemente que a opinião coletiva varia muito das opiniões individuais e enfatizam que o público, como um todo, seria sim capaz de processar informações adequadamente, inclusive em relação ao campo político. Para eles, o trabalho conduzido por Lippmann não poderia nem ser considerado baseado em algum dado sistemático, apesar de ter sido amplamente aceito no meio da comunidade acadêmica. Não haveria portanto nenhuma evidência que comprovasse que a opinião pública era composta por paixões e irracionalidades (PAGE; SHAPIRO, 1992).

Haveria que se diferenciar, conseqüentemente, as ignorâncias, instabilidades e humores de **indivíduos** da estabilidade e racionalidade da opinião pública como um **coletivo**. O simples fato de a opinião pública ser a soma das opiniões individuais já cancelaria os efeitos distorcidos da instabilidade ou ignorância de um ou outro indivíduo. É relevante frisar, no entanto, que as preferências dos indivíduos não tendem a mudar drasticamente quando medidas em diferentes momentos no longo-prazo, demonstrando estabilidade. É por isso que há tanta estabilidade na opinião pública como um coletivo. O resultado seria então uma opinião pública coletiva livre de erros em relação às opiniões somadas individuais (PAGE; SHAPIRO, 1992).

É constatável, no entanto, que às vezes ocorra mudanças na estabilidade da opinião pública. As mudanças, ainda assim, ocorreriam de maneira conjunta por múltiplas razões – se a composição da população mudar, por exemplo, é bem possível que a opinião pública vá mudando conforme as gerações mudam. Se uma sociedade passar por um grande desenvolvimento econômico, além disso, é bem provável que a soma das opiniões mude devido ao aumento da educação, às mudanças na composição da força de trabalho e assim por diante (PAGE; SHAPIRO, 1992).

Esses padrões coerentes apenas comprovam a consistência da opinião pública num determinado período, sendo reais, plausíveis e padronizadas. (PAGE; SHAPIRO, 1992). Mas, de mais a mais, corroboram para afirmarmos que *surveys* são essenciais. Não apenas para verificarmos que a opinião pública é sim relevante, mas também para entendermos que esta exerce papel central nas Relações Internacionais.

No que concerne a este trabalho, as *surveys* de Page e Shapiro (1992) legitimam uma boa estima pela representatividade de amostras da opinião pública. As respostas são

sistematicamente honestas, cooperando com o objetivo desta monografia: *como as elites culturais e a manifestação de visões pós-materialistas sobre temas de Relações Internacionais contemporâneos se diferenciam na América Latina?*

4 A SEXTA ONDA DE VALORES E SEUS RESULTADOS NA AMÉRICA LATINA

Para o último capítulo desta monografia, serão analisados os dados que permitem encontrar respostas para a pergunta que guia esta monografia acerca das elites culturais e dos valores de temáticas de Relações Internacionais na América Latina. Deste modo, a análise será realizada por meio do método comparativo e da análise quantitativa com base nos fundamentos teóricos apresentados nos dois capítulos anteriores para que se permita realizar um entendimento adequado das *surveys* da Sexta Onda (2010-2014).

A análise, ademais, apenas compreenderá aquelas variáveis e resultados que respondem à diferenciação das visões pós-materialistas das elites culturais latino-americanas¹² - buscando enfatizar não apenas que entende-se elites culturais por serem grupos pós-materialistas, mas buscando enfatizar também aqueles resultados que são relevantes para a pergunta principal e retirando os dados diretamente dos questionários da Sexta Onda da WVS. As variáveis serão apresentadas em blocos de países por representação gráfica e de tabelas em blocos de países.

Os países compreendidos nesta análise, por último, serão os países latino-americanos Argentina, Brasil, Chile, Uruguai, Peru, Colômbia e México, excluindo-se Equador e Haiti¹³ para fins de uma análise mais homogênea a considerar que Equador e Haiti possuem Índices de Desenvolvimento Humano (IDH), população e Produto Interno Bruto (PIB) consideravelmente díspares daqueles de países como Brasil, México e os outros acima mencionados¹⁴.

4.1 OS PAÍSES E AS *SURVEYS*

Para iniciar, a seleção considerou primariamente a disponibilidade de dados fornecidos pela World Values Survey de 2010 a 2014, considerando, ademais, que algumas variáveis foram retiradas da análise devido à ausência de informações em determinados países ou diferenças no método da coleta dos dados quantitativos. A partir desta lógica, chegou-se aos sete países latino-americanos apontados e à quantidade de informações apresentadas nesta monografia.

¹² Desconsiderou-se aquelas variáveis que não compreendem o campo de Relações Internacionais.

¹³ Argentina, Equador, Chile, Colômbia, Brasil, Haiti, Peru e México são os únicos países da América Latina com dados disponíveis para a sexta onda de valores da WVS (WVS, 2019a).

¹⁴ A população e o PIB do Equador era metade da população e PIB do Peru em 2014, por exemplo, segundo dados do World Bank (2019).

Para o maior entendimento do leitor, os gráficos apresentam dados que variam de porcentagem nula a cem por cento, classificando os públicos dos países como materialistas ou pós-materialistas a partir desta lógica. Verificar-se-á, aliás, que apesar de importantes diferenças regionais, é possível identificar a América Latina como uma zona cultural moderadamente semelhante – tendendo

para um meio termo entre os valores de sobrevivência e de autoexpressão [e refletindo] a convergência de uma série de influências econômicas, religiosas e históricas e a configuração dos valores na América Latina se aproxima[ndo] daquela dos países da Europa católica, especialmente Espanha, Portugal e Itália (BURNI; CLARET; FRAIHA, 2014, p. 66).

Assim, com base na pergunta desta monografia, os dados apresentados a seguir foram selecionados da Sexta Onda criteriosamente, trazendo apenas aquelas perguntas referentes à opinião pública de questões de Relações Internacionais e identificando como recorte pós-materialistas como elites culturais e o restante da população como materialistas.

4.2 RESULTADOS NOS PAÍSES E RELAÇÃO COM AS ELITES CULTURAIS

Para iniciar esta análise, é relevante destacar que partiremos dos dados mais amplos pertencentes ao escopo desta monografia para então realizar uma análise mais apurada de dados pertencentes ao arcabouço de Relações Internacionais.

Primeiramente, um dos principais instrumentos de análise utilizados por Ronald Inglehart é o chamado Índice de Pós-Materialismo (PM), ferramenta de análise empregada para mensuração do quão materialista ou pós-materialista um país como um todo pode ser considerado. Este índice

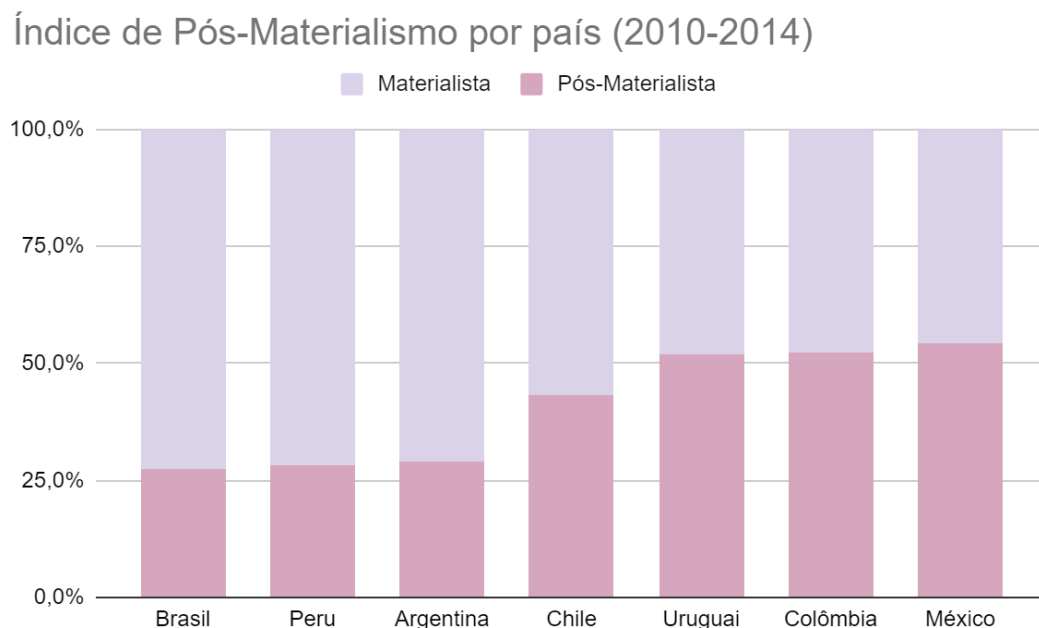
tem sido empregado na análise de diversos objetos de pesquisa na região [latino-americana]: estudos sobre gênero no Peru, no Brasil e no Uruguai (Cruz, Guibert e 2015; Ribeiro, 2011a; Vairo e Perez, 2010); participação política na América Latina e no Chile (Ribeiro e Borba, 2010; Valenzuela, Arriagada e Scherman, 2012); elites políticas brasileiras (Gatto e Power, 2016); e movimentos ambientalistas no México e na Argentina (Ponte e Smith, 2004; Walter, 2008) (OKADO; RIBEIRO, 2017, p. 8)

Como verifica-se no gráfico 1 abaixo, Brasil, Peru e Argentina possuem níveis consideráveis de credos materialistas, apresentando índices materialistas de 72,7%, 71,9% e 70,8%, respectivamente. Já Uruguai, Colômbia e México, por outro lado, podem classificar-se

no espectro latino-americano como países representantes de um maior pós-materialismo, exibindo um PM pós-materialista de 52,0%, 52,3% e 54,4% respectivamente. O México, ademais, é o país que apresenta o maior índice de pós-materialismo entre os países da região, com 54,4%, enquanto o Brasil é o que possui o menor deles – com 27,3%.

De mais a mais, países como Chile encontram-se em uma situação intermediária com 43,3% de pós-materialismo e 56,7% de materialismo em seu país. Este primeiro gráfico já nos fornece as primeiras informações e sinais que devem ser consideradas ao longo da presente análise, mostrando que é necessário atentar para a diferença entre aproximadamente dois grandes blocos de países.

Gráfico 1 – Índice de Pós-materialismo por país (2010-2014)



Fonte: elaboração própria com base em WVS (2019).

Uma segunda análise relevante para compreender as elites culturais pós-materialistas, refere-se ao índice de classe social. A classe social, como bem se sabe pelo que se apresentou no capítulo inicial, é uma importante variável na predição da propensão de um país a possuir uma elite cultural pós-materialista, grosseiramente demonstrando que classes alta e média são mais propensas a demonstrar valores pós-materialistas do que a classe trabalhadora ou baixa.

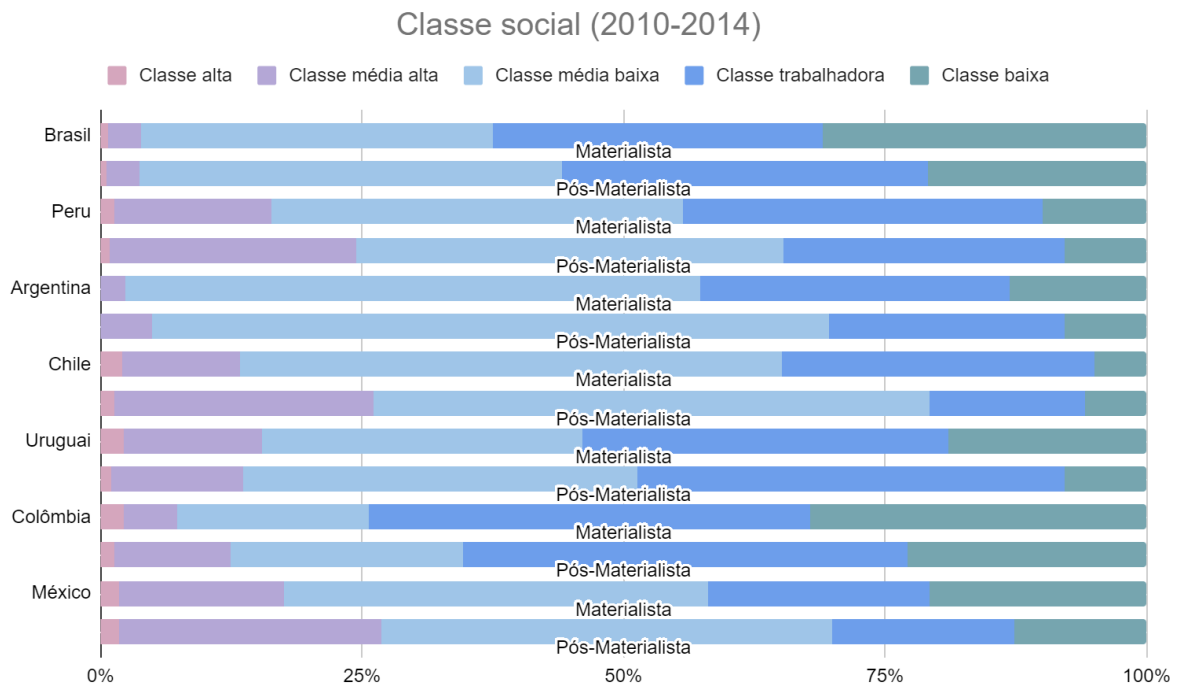
Ao analisar-se apenas o índice em termos de pós-materialismo, percebe-se que Brasil, Uruguai e Colômbia têm as menores performances do seu público em pós-materialismo, com a soma de suas classes média e alta representando apenas 34,6%, 51,3% e 44,3% de pós-materialismo, enquanto países como Peru, Argentina Chile e México apresentam públicos que dão maior prioridade pós-materialista a suas agendas, apresentando também relativamente robusta relação de pós-materialismo e elites culturais, com grupos de classes média e alta que somados representam 65,3%, 69,6%, 79,2% e 70% de pós-materialismo.

Vale mencionar ainda que poderíamos considerar Argentina, Peru e Uruguai como suavemente pertencentes a um espaço cinzento, tendo elites culturais não tão fortemente pós-materialistas ou materialistas e frisar que, segundo a ótica materialista, a classificação dos países é extremamente similar – formando-se um bloco de países com uma maior correlação entre classe social, elites culturais e pós-materialismo (Peru, Argentina, Chile e México) e um bloco de países com menores correlações (Brasil, Uruguai e Colômbia).

É importante trazer à luz, ademais, que estes dados apontaram para nossa hipótese inicial de que o pós-materialismo surge dentre os mais privilegiados economicamente, variando positivamente com a classe social em Peru, Argentina, Chile e México - Gatto e Power (2016), por exemplo, já verificavam isto em suas análises. Como estes autores verificaram, as elites podem exibir níveis mais altos de tendências pós-materialistas, mesmo em sociedades que são de sobremaneira materialistas.

No gráfico abaixo é possível verificar tais informações:

Gráfico 2 – Classe Social (2010-2014)



Fonte: elaboração própria com base em WVS (2019).

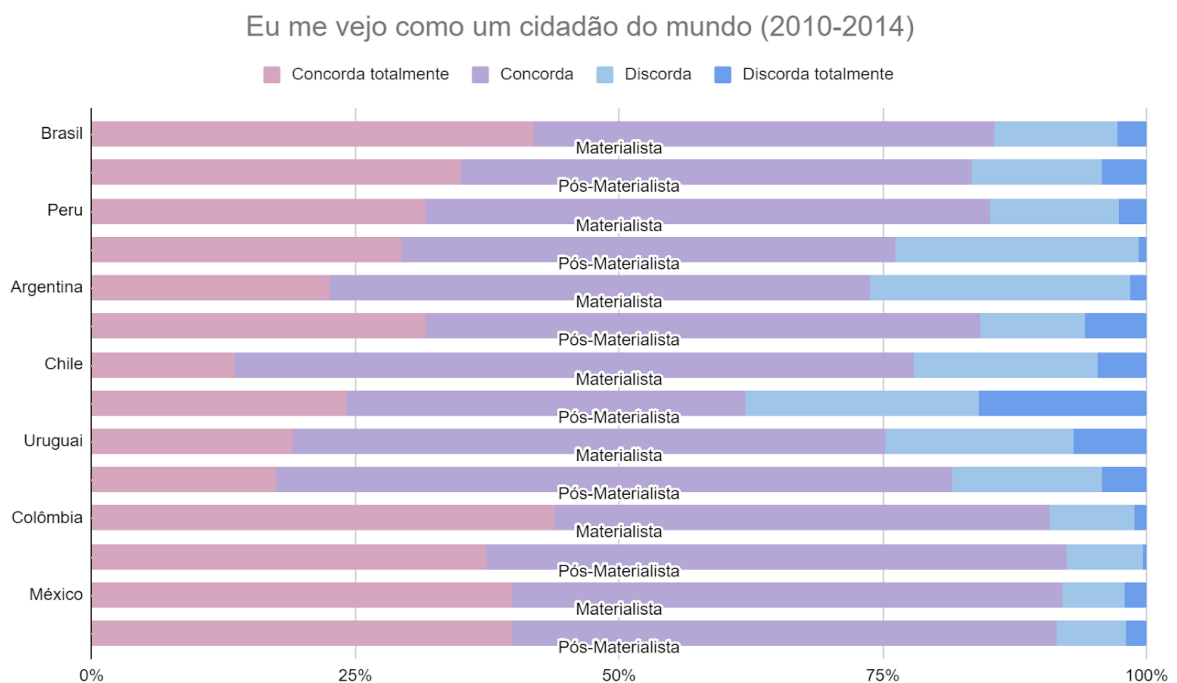
Adentrando as questões especificamente concernentes ao campo das Relações Internacionais, julgou-se relevante trazer três perguntas da sexta onda sobre a opinião pública de Relações Internacionais: se o indivíduo se vê como um cidadão do mundo, quais ele julga serem os problemas mais sérios do mundo e qual seu grau de confiança nas Organização das Nações Unidas (ONU).

Quanto à primeira pergunta, os entrevistados foram perguntados se eles concordam com a afirmação “Eu me vejo como um cidadão do mundo”, podendo concordar totalmente, concordar, discordar ou discordar totalmente frente a tal afirmação. É interessante notar que a maioria esmagadora dos países da região concordou totalmente ou apenas concordou com ver-se como um cidadão do mundo, seja seu público materialista ou pós-materialista. As informações apontam que, em termos pós-materialistas, os públicos no Brasil (83,5%), Peru (76,2%), Argentina (84,2%), Chile (62,0%), Uruguai (81,6%), Colômbia (92,4%) e México (91,5%) majoritariamente identificaram-se como cidadãos do mundo, ou seja, as pessoas se sentem parte do mundo.

Além disso, conforme pode ser observado pelo teste do Qui Quadrado na tabela 2, é significativa a relação entre as variáveis em 0,000 no Teste de Pearson. Entre os que concordam e concordam totalmente com essa afirmação, os únicos países que não

apresentaram uma variação de maior significância entre materialistas e pós-materialistas foram Brasil, Colômbia e México, com 2% de variação. Ao mesmo tempo, Chile e Peru são os únicos países nos quais os pós-materialistas concordam menos com a afirmação: 62% concorda ou concorda muito com a afirmação, em contraposição aos materialistas, com 78% no Chile; enquanto que no Peru 76,2% dos pós-materialistas concordam, contra 85,2% dos materialistas. Nos demais países da região, a variação se dá em torno de 10%, sendo a Argentina o que apresenta a maior diferença: 84,2% dos pós-materialistas se consideram um cidadão do mundo, contra 73,8% dos materialistas.

Gráfico 3 – Eu me vejo como um cidadão do mundo (2010-2014)



Fonte: elaboração própria com base em WVS (2019).

Tabela 2 - Teste do Qui Quadrado para Cidadão do Mundo (2010-2014)

Teste do Qui Quadrado	Valor	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Teste de Pearson	315,989a	39	0,000

Fonte: elaboração própria com base em WVS (2019).

Em relação à análise do gráfico 4, os entrevistados foram perguntados quais eles consideram serem os problemas mais sérios do mundo: (i) pessoas vivendo na pobreza e necessidade, (ii) discriminação contra meninas e mulheres, (iii) saneamento inadequado e doenças infecciosas, (iv) educação inadequada e (v) poluição ambiental. As respostas dos entrevistados elencam as prioridades e necessidades nos países latino-americanos, apontando especialmente para qual agenda é mais latente na visão do país em relação ao mundo e na visão do indivíduo em relação a sua própria sociedade.

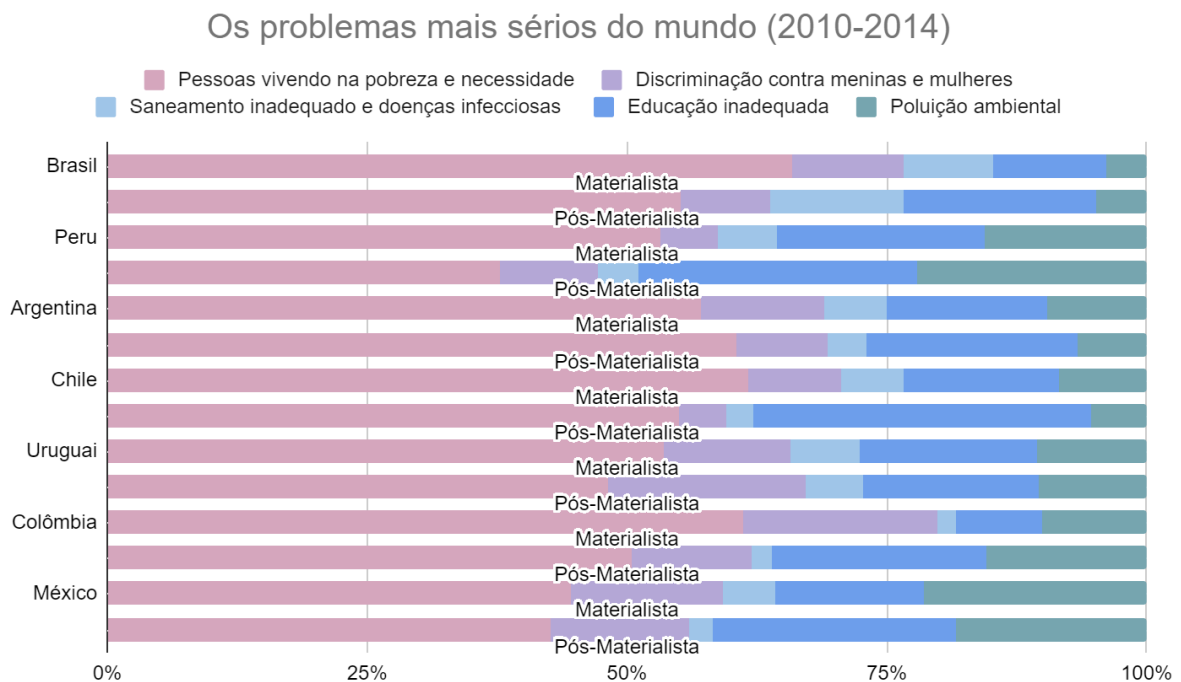
O teste do Qui Quadrado (tabela 3) indica que há uma relação significativa entre essas variáveis a 0,000. Ou seja, há uma relação entre as diferenças entre materialistas e pós-materialistas em suas visões sobre os problemas do mundo mais significativos. É relevante notar que, apesar de que tanto para materialistas quanto para pós-materialistas a maior preocupação esteja relacionada a pessoas vivendo em situação de pobreza e necessidade – fortemente material –, as taxas entre os pós-materialistas em todos os países (com exceção da Argentina) são relativamente menores. Em outras palavras, a desigualdade é tida como o maior problema para os pós-materialistas, mas em menor grau quando comparado com os materialistas. Isso se justifica também ao considerar-se que os pós-materialistas na região se preocupam comparativamente mais com uma educação inadequada em relação aos materialistas.

É possível verificar, além disto, que em todos os países da região, tanto para pós-materialistas quanto para materialistas, o problema mais sério do mundo é a presença de pessoas vivendo em pobreza e necessidade, com o menor índice pós-materialista sendo do Peru (37,8%) e o maior da Argentina (60,6%). Já o segundo maior problema aparenta ser educação inadequada com aproximadamente 1/5 do público em termos pós-materialistas apresentando este problema como o mais sério do mundo.

Seja como for, dentre as informações disponíveis a que mais vale destacar é aquela que demonstra que Uruguai, Colômbia e México, os mesmos países que vimos ser mais pós-materialistas no início deste subcapítulo, são os mais propensos a indicar, segundo a ótica pós-materialista, poluição ambiental e discriminação contra meninas e mulheres como os problemas mais sérios do mundo – sendo que tais problemas são evidentemente de natureza pós-materialista. Entre 1/10 e 1/5 do público dos três países mencionou estes problemas como os mais sérios do mundo, o que aponta para as prioridades pós-materialistas das elites culturais de tais países.

Já no que tange à ótica materialista, a agenda do público em Brasil, Peru, Argentina, Chile, Uruguai, Colômbia e México dá majoritária prioridade a pessoas vivendo na pobreza e necessidade ser o problema mais sério do mundo, enquanto poluição ambiental e saneamento inadequado e doenças infecciosas praticamente escapam à agenda comparativamente. Abaixo podem-se verificar tais pareceres.

Gráfico 4 – Os problemas mais sérios do mundo (2010-2014)



Fonte: elaboração própria com base em WVS (2019).

Tabela 3 - Teste do Qui Quadrado para os problemas mais sérios do mundo (2010-2014)

Teste do Qui Quadrado	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Teste de Pearson	302,049a	52	0,000

Fonte: elaboração própria com base em WVS (2019)

A respeito da confiança nas Nações Unidas, esta pergunta parece constituir uma das mais relevantes quando se refere ao campo das Relações Internacionais. A falta de confiança na ONU pode indicar uma falta de conhecimento por parte do público ou falta de prioridade

nas suas agendas dada à cooperação internacional e a discussões conjuntas sobre variadas temáticas. Confiar pouco ou não confiar nas Nações Unidas indica um forte papel do materialismo na região, enquanto confiar muito ou confiar indica para a maior presença de valores pós-materialistas.

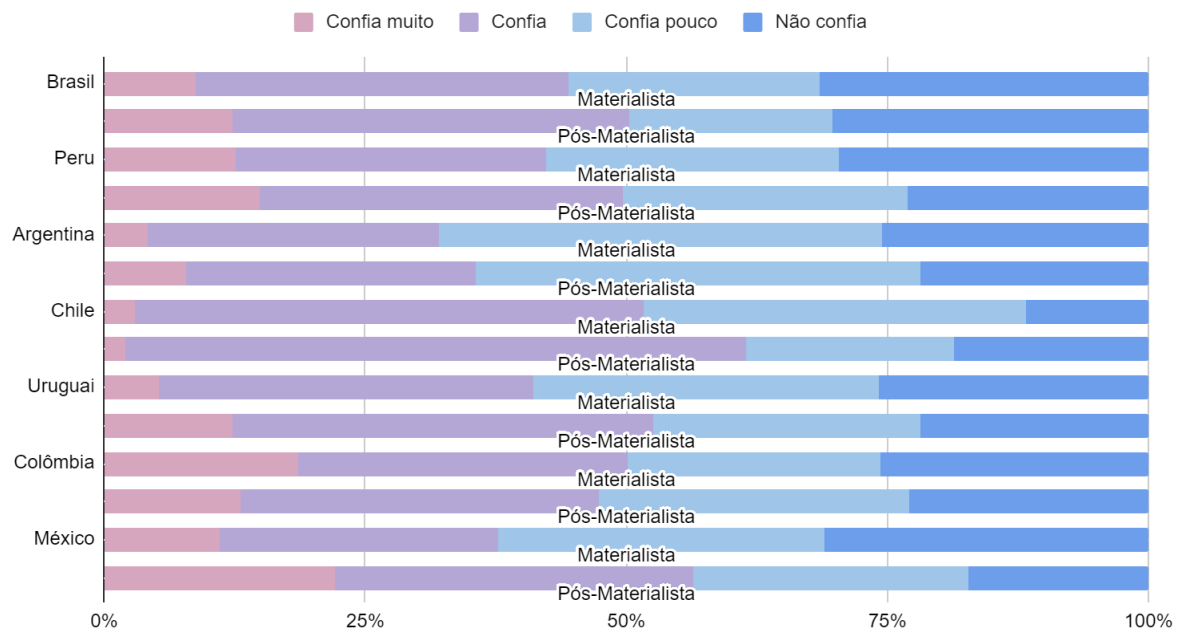
O gráfico abaixo, assim, apresenta a confiança de materialistas e pós-materialistas na Organização das Nações Unidas entre os países da região durante a sexta onda de levantamento de dados. De acordo com o teste do Qui Quadrado, é possível observar que é significativa a relação entre as variáveis, de modo que indica a variação da percepção entre os dois grupos (materialistas e pós-materialistas) em cada país sobre a confiança nesta instituição. Nesse sentido, com exceção da Colômbia, em todos os países da região a confiança na ONU apresenta taxas maiores entre os pós-materialistas em comparação aos materialistas. No México, a variação entre esses dois grupos é de, aproximadamente, 20% entre os pós-materialistas que dizem confiar ou confiar muito na ONU em relação aos materialistas nesse mesmo período. Ao mesmo tempo, entre os que dizem que não confiam na instituição, apenas o Chile é o país que possui taxas maiores de desconfiança entre os pós-materialistas. Nos demais países, as frequências dos que afirmam não confiar na ONU são relativamente menores.

Os países latino-americanos, de acordo com a visão pós-materialista, se encontram no intermédio entre confiar muito e confiar pouco na ONU – Chile (59,3%) e Uruguai (40,2%) parecem ser os únicos países que confiam na organização, enquanto Brasil (12,3%), Peru (14,9%), Uruguai (12,3%), Colômbia (13,1%) e México (22,1%) estão entre os que confiam muito. É importante notar, ainda assim, que uma porcentagem entre $\frac{1}{4}$ e $\frac{1}{3}$ do público dos países não confia ou confia pouco nas Nações Unidas.

O mesmo se aplica para a ótica materialista, mas é interessante notar que tanto em marcos materialistas quanto pós-materialistas, o Chile parece ser o país que mais confia na Organização das Nações Unidas de todos os da região, com 88,2% (materialista) e 81,4% (pós-materialista) do público acreditando na ONU em maior ou menor grau.

Gráfico 5 – Confiança nas Nações Unidas (2010-2014)

Confiança nas Nações Unidas (2010-2014)



Fonte: elaboração própria com base em WVS (2019).

Tabela 4 - Teste do Qui Quadrado para Confiança nas Nações Unidas (2010-2014)

Teste do Qui Quadrado	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
	219,666a	39	0,000

Fonte: elaboração própria com base em WVS (2019).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os valores pós-materialistas e a teoria de Ronald Inglehart constituem atualmente um importante campo de pesquisa para o entendimento das áreas sociológica, política, internacional e de outros campos. A ascensão dos chamados valores pós-materialistas após a Segunda Guerra parece ter revolucionado as clivagens existentes e trazido à luz novas pautas sociais. Foi tendo isto em mente que a problemática que se buscou responder neste trabalho foi “como as elites culturais e a manifestação de visões pós-materialistas sobre temas de Relações Internacionais contemporâneos se diferenciam na América Latina?”

Ao que Ronald Inglehart considerou já na década de 1960 que as pessoas estavam mudando suas crenças políticas de interesses materiais para valores de autoexpressão, o autor percebeu também que o comportamento com base em classe social estava lentamente declinando e isto se devia a presença do desenvolvimento econômico que tornaria os países mais propensos a demonstrar valores de autoexpressão (INGLEHART, 2016). Não foi por acaso, portanto, que viu-se já no primeiro capítulo do desenvolvimento da presente monografia que a formação de elites culturais na América Latina devido aos avanços econômicos e sociais propiciou e retroalimentou a formação de grupos pós-materialistas que usufruem de certo poder aquisitivo e educacional.

Como hipótese geral para este trabalho, considerou-se que há elites culturais que manifestam valores pós-materialistas acerca de temas de Relações Internacionais de maneira mais frequente, pontual, ou intensa do que outras elites pertencentes a outros países na América Latina devido às diferentes formações de valores em cada país do continente e esta hipótese foi parcialmente comprovada – existem certos países que manifestam valores pós-materialistas por parte de uma elite cultural mais frequentemente ou intensamente do que outros, mas esta variação está intimamente atrelada ao tipo de pergunta escolhida das *surveys* da Sexta Onda (2010-2014). Isto inclusive se exterioriza nos próprios limites desta monografia. Caso se tivesse respondido à outras *surveys* de Relações Internacionais referentes a terrorismo, organizações internacionais e outros tópicos talvez se percebesse um comportamento mais sistemático das elites culturais em relação aos seus valores pós-materialistas de Relações Internacionais.

Seja como for, o objetivo geral desta análise consistiu em compreender e explicar se, na América Latina, as elites culturais e seus valores pós-materialistas poderiam se diferir das

outras elites a partir das opiniões que estes apresentam acerca de temáticas de Relações Internacionais e este objetivo foi atingido na medida em que existem diversas visões sobre Relações Internacionais entre os países da região – um país pode apresentar alto grau de confiança nas Nações Unidas demonstrando forte valor pós-materialista em uma área, mas estar mais preocupado com problemas materialistas de pobreza e necessidade, por exemplo.

Quanto aos objetivos específicos buscou-se no presente trabalho: (i) explicar o que é a teoria pós-materialista e a mudança de valores de Inglehart e como ela se contrasta com as visões tradicionais, bem como explicar sua aplicação na América Latina e compreender o conceito de elite cultural e como esta se apresenta na América Latina; (ii) compreender o papel da WVS e das ondas de análise para a opinião pública de relações internacionais referentes à esta mesma onda da *World Values Survey*; e (iii) analisar os resultados das questões de relações internacionais escolhidas com aplicação na América Latina para verificar a diferenciação das elites culturais e seu pós-materialismo e realizar análise comparada dos países verificando essa relação de pós-materialismo e relações internacionais. Todos estes objetivos foram cumpridos.

Ademais, cada capítulo desta produção levou minuciosamente em consideração a problemática deste trabalho e sua hipótese geral, sendo relevante, por conseguinte, apresentar quais foram as contribuições de cada capítulo para a conclusão desta monografia.

O primeiro capítulo do desenvolvimento, cujo título é Fundamentos Teóricos, lançou as bases para que se entendesse o contexto histórico em que surge o pós-materialismo e seus antecedentes históricos, além de ter apresentado o conceito de elite cultural. Este capítulo permitiu que se entendesse como o pós-materialismo e a mudança de valores pode ser encaixada no continente latino-americano e como o continente vem passando pela formação de uma elite cultural que desafia as pautas tradicionais em diversas áreas, mas principalmente aqui na área de Relações Internacionais. O pós-materialismo é o conceito básico para entender como as elites culturais e a manifestação de suas visões pós-materialistas sobre temas de Relações Internacionais contemporâneos se diferenciam na região.

No segundo capítulo intitulado de Fundamentos da Análise Quantitativa, por outro lado, se busca ressaltar o papel da organização *World Values Survey* como essencial na formulação de relevantes pesquisas na grande área das ciências sociais. Por meio do banco de dados da WVS, é possível responder a problemática da presente monografia e utilizar o específico grupo das elites culturais em matéria de Relações Internacionais como elemento de

análise. Além disso, este capítulo evidenciou qual seria o papel da opinião pública de Relações Internacionais – o que aclara o fato de que esta opinião pública pode ser diversificada na região latino-americana, variando de elite cultural para elite cultural.

O terceiro e último capítulo do desenvolvimento é o que mais nos interessa, no entanto. O último capítulo é onde trazem-se as perguntas de Relações Internacionais e classificam-se os países latino-americanos nos espectros materialista e pós-materialista. Se considerarmos que a pergunta central desta monografia é: como as elites culturais e a manifestação de visões pós-materialistas sobre temas de Relações Internacionais contemporâneos se diferenciam na América Latina? Podemos respondê-la afirmando que a maneira que as elites culturais e seu pós-materialismo sobre temas de Relações Internacionais se diferenciam na região é por meio, não apenas das raízes históricas e legado ibérico dos países, mas principalmente pelas diferentes opiniões públicas que os cidadãos desenvolveram, ao menos durante a Sexta Onda, sobre pautas de Relações Internacionais.

Isto é, as elites culturais da região claramente possuem visões mais ou menos intensas, mais ou menos pontuais ou mais ou menos frequentes variando de acordo com a pergunta que se apresenta. Enquanto classificamos Uruguai, Colômbia e México como os países mais pós-materialistas da região (WVS, 2019), suas porções materialistas identificavam-se tranquilamente em alguns momentos com afirmações pós-materialistas como sentir-se um cidadão do mundo. Ainda assim, estes mesmos países em questionamentos como qual seria o problema mais sério do mundo, demonstraram maior grau de identificação com problemas pós-materialistas do que os outros países da região (WVS, 2019).

É interessante notar, ademais, que as elites culturais e seu pós-materialismo parecem não se diferenciar tanto num ponto específico: todos os grupos apontam como sendo o primeiro problema mais sério do mundo pessoas vivendo em pobreza e necessidade. Isto demonstra que o desenvolvimento econômico e a igualdade econômica ainda não se aprofundaram suficientemente no continente latino-americano, tornando mesmo os grupos pós-materialistas propensos a ter prioridades materialistas, prezando pela sua própria sobrevivência e buscando suprir suas necessidades básicas. Apesar das elites culturais latino-americanas e seus valores pós-materialistas se diferenciarem em grau e frequência, ainda há certos pontos convergências provenientes do próprio legado socioeconômico e histórico da região ser de um desenvolvimento econômico insatisfatório.

Importante notar também que as próprias diferenças de grau e frequências dos valores pós-materialistas demonstrados pelas elites culturais da região se deve também à política externa que os próprios países seguem durante um período determinado. Ao analisar-se a confiança dos países nas Nações Unidas, por exemplo, vemos que, diferente da baixa confiança do Chile governado por Sebastián Piñera no período (2010-2014), o Brasil manteve altos níveis de confiança na ONU e isto talvez esteja ligado à política externa do primeiro governo de Dilma Vana Rousseff (2010-2014) que foi de busca por inserção global, multilateralismo, bilateralismo e cooperação internacional, na mesma linha do governo de Luiz Inácio Lula da Silva (CERVO; BUENO, 2015).

Isto demonstra, assim, que as conclusões da presente análise não ocorrem sem dificuldades. Os países não apresentam um comportamento homogêneo, estruturado e sistemático, mas apresentam um comportamento relativamente variável no que concerne às temáticas de Relações Internacionais. É por isso que talvez uma análise maior, utilizando mais perguntas das *surveys* da Sexta Onda (não necessariamente diretamente pertencentes ao campo de Relações Internacionais), talvez responderia mais apuradamente como as elites culturais da região se diferenciam quanto ao seu pós-materialismo em termos de Relações Internacionais - as pautas de Relações são extremamente variadas e tópicos como meio-ambiente e imigrantes podem ter distintos efeitos sobre cada país.

Para um possível próximo trabalho seria relevante, portanto, expandir o escopo de análise desta monografia e, possivelmente, realizar análises comparativas com as elites culturais de outras regiões – para fins de esclarecer melhor como as elites culturais diferenciam-se, talvez sendo relevante, ademais, contextualizar cada país latino-americano e sua cultura política.

REFERÊNCIAS

- ABRAMSON, Paul; INGLEHART, Ronald. **Value Change in Global Perspective**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1995. p. 1-140.
- ALBANUS, Adriana Pilar Ferreira. **Cultura Política, Política Externa e Congruência: Uma Análise Sobre Os Governos Lula (2003-2010)**. 2018. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Curso De Relações Internacionais, Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2018, p. 16-31.
- ALMOND, Gabriel. **The American people and foreign policy**. New York: Praeger. 1950.
- BALE, Tim. **European politics**. 4. ed. Basingstroke: Palgrave MacMillan, 2017. p. 2-263.
- BOBBIO, N. Elite, Teoria das. In: BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N. e PASQUINO, G. (Orgs.). **Dicionário de Política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 385-391.
- BONILLA, F. Cultural Elites. In: LIPSET, S.; SOLARI, A.. **Elites in Latin America**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1967, p. 233-255.
- BURNI, Aline; CLARET, Antônio; FRAIHA, Pedro. Valores Pós-materialistas e Democracia: Brasil e Uruguai em Perspectiva Comparada. **Em Debate**, Belo Horizonte, v.6, n.3, p.60-82, jul. 2014.
- CARBALLO, M.; MORENO, A. El estudio de los valores en América Latina. In: CARBALLO, M.; MORENO, A. **El Cambio de Valores en América Latina: Hallazgos de la Encuesta Mundial de Valores**. Cidade do México: Centro de Estudios Sociales y Opinión Pública, 2013, p. 9- 16.
- CARDOSO, F. The Industrial Elite. In: LIPSET, S.; SOLARI, A.. **Elites in Latin America**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1967, p. 94-116.
- CASPARY, William. The “mood” theory: a study of public opinion and foreign policy. **American Political Science Review**, Washington, n. 64, p. 536-547, 1970.
- CASTRO, Henrique Carlos de Oliveira de; RANINCHESKI, Sonia; CAPISTRANO, Daniel. O conteúdo da globalização para os latino-americanos: uma análise a partir da Pesquisa Mundial de Valores – WVS. **Temas y Debates**, v. 29, n. 19, p. 53-76, jun. 2015.
- CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. História da Política Exterior do Brasil. 5a ed. Brasília: UnB, 2015.
- CUTLER, Fred. Jeremy Bentham and the Public Opinion Tribunal. **The Public Opinion Quarterly**, Oakbrook Terrace, v. 63, n. 3, 1999.

DÜLMER, H.; INGLEHART, R.; WELZEL, C. Testing the Revised Theory of Modernization: measurement and explanatory aspects. **World Values Research**, v. 8, n. 2, p. 68-100, 2015.

ECPR GENERAL CONFERENCE - UNIVERSITY OF ICELAND, 2011, Reykjavík. **Post-Materialist Values in Parliamentary Elites in Latin America**. Reykjavík: Ecpr General Conference, 2011. 17 p. Disponível em: <<https://ecpr.eu/Filestore/PaperProposal/5c48bda5-e8ba-46fe-91e5-ec680508c07a.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2019.

FOYLE, Douglas. **Counting the Public In: presidents, public opinion, and foreign policy**. New York: Columbia University Press, 1999.

GATTO, Malu A. C.; POWER, Timothy J.. Postmaterialism and Political Elites: The Value Priorities of Brazilian Federal Legislators. **Journal of Politics in Latin America**, v. 8, n. 1, p. 33–68, 2016.

HALMAN, L.; MOOR, Ruud de.; Individualización y cambio de valores en Europa y Norteamérica. In: NICOLÁS, J. D.; INGLEHART, R. **Tendencias Mundiales de Cambio en los Valores Sociales y Políticos**. Madrid: Fundesco, 1994, p. 29-62.

HOLSTI, Ole. **Public opinion and american foreign policy**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2004.

HURWITZ, Jon; PEFFLEY, Mark. How are foreign policy attitudes structured? A hierarchical model. **American Political Science Review**, Washington, v. 81, n. 4, 1987.

INGLEHART, R. Modernización y post-modernización: la cambiante relación entre el desarrollo económico, cambio cultural y político. In: NICOLÁS, J. D.; INGLEHART, R. **Tendencias Mundiales de Cambio en los Valores Sociales y Políticos**. Madrid: Fundesco, 1994, p. 63-108.

INGLEHART, R.; CARBALLO, M. ¿Existe Latinoamérica? Un Análisis global de diferencias transculturales. In: CARBALLO, M.; MORENO, A. **El Cambio de Valores en América Latina: Hallazgos de la Encuesta Mundial de Valores**. Cidade do México: Centro de Estudios Sociales y Opinión Pública, 2013, p. 17- 46.

INGLEHART, R.; NORRIS, P. **Trump, Brexit, and the Rise of Populism: Economic Have-Nots and Cultural Backlash**. Cambridge, MA: Harvard Kennedy School, 2016. (Faculty Research Working Paper Series, Agosto 2016) .

INGLEHART, Ronald. **Cultural Evolution: People's Motivations are Changing and Reshaping the World**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. p. 1-290.

INGLEHART, Ronald. **Culture shift in advanced industrial society**. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 248-288.

INGLEHART, Ronald. How much should we worry? **Journal of Democracy**, [s.i.], v. 27, n. 3, p. 18-23, 2016.

INGLEHART, Ronald. **The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics**. Princeton: Princeton University Press, 1977.

INGLEHART, Ronald; WELZEL, Christian. **Modernization. Cultural Change and Democracy: The Human Development Sequence**. New York: Cambridge University Press, 2005. 345 p.

LEMME, Marta. **Teoria do Consumidor**. Rio de Janeiro: Ie/ufrj, 200-. 24 slides, color.

Disponível em:

<http://www.ie.ufrj.br/intranet/ie/userintranet/hpp/arquivos/07_-_aula_07_-_t_cons_-_utilidade.pdf>. Acesso em: 25 out. 2019.

LIPPMANN, Walter. **Public opinion**. New York: Free Press, 1997.

LIPSET, S. Values, Education, and Entrepreneurship. In: LIPSET, S.; SOLARI, A.. **Elites in Latin America**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1967, p. 3- 60.

LIPSET, S; SOLARI, A. Preface. In: LIPSET, S.; SOLARI, A.. **Elites in Latin America**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1967, p. vii-x.

LIPSET, Seymour.; ROKKAN, Stein. **Party systems and voter alignments**. New York: Free Press, 1967. p. 1-64.

NAKHAIE, R. What Drives Elite-Challenging Behaviours? In: MACHIN, A; STEHR, N.. **Understanding Inequality: Social Costs and Benefits**. Wiesbaden: Springer, 2016, p. 271-294.

ODILLA, Fernanda. Eleições 2018: por que especialistas veem 'onda conservadora' na América Latina após disputa no Brasil. **BBC Brasil**, Londres, 24 de out. de 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45757856>>. Acesso em: 7 jun. 2019.

OKADO, Lucas Toshiaki Archangelo; RIBEIRO, Ednaldo Aparecido. Mudança de valores em países latino-americanos: comparando os índices de pós-materialismo e valores emancipatórios. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.**, Brasília, n. 24, p. 7-48, dez. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522017000300007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 nov. 2019.

PAGE, Benjamin; SHAPIRO, Robert. **The rational public: fifty years of trends in america's policy preferences.** Chicago: University of Chicago Press, 1992.

RATINOFF, L. The New Urban Groups: The Middle Classes. In: LIPSET, S.; SOLARI, A.. **Elites in Latin America.** Nova Iorque: Oxford University Press, 1967, p. 61.

SCOTT, R. Political Elites and Political Modernization: The Crisis of Transition. In: LIPSET, S.; SOLARI, A.. **Elites in Latin America.** Nova Iorque: Oxford University Press, 1967, p. 117-145.

WORLD VALUES SURVEY (WVS). **Online Data Analysis.** 2019a. Disponível em: <<http://www.worldvaluessurvey.org/WVSONline.jsp>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

WORLD VALUES SURVEY (WVS). **Findings and Insights.** 2019b. Disponível em: <<http://www.worldvaluessurvey.org/WVSContents.jsp>>. Acesso em: 25 abr. 2019

WORLD BANK. **GDP (current US\$) - Ecuador, Peru.** Washington, 2019. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?end=2018&locations=EC-PE&start=2009>>. Acesso em: 7 de novembro de 2019.

	Uruguai		Peru		Colômbia		México		Total
	Materialista	Pós-Materialista	Materialista	Pós-Materialista	Materialista	Pós-Materialista	Materialista	Pós-Materialista	
Concorda totalmente	19,1%	17,4%	31,7%	29,4%	43,9%	37,4%	39,8%	39,8%	32,9%
Concorda	56,1%	64,2%	53,5%	46,8%	46,9%	55,0%	52,2%	51,7%	51,5%
Discorda	17,9%	14,2%	12,2%	23,0%	8,1%	7,3%	5,9%	6,5%	12,4%
Discorda totalmente	6,9%	4,2%	2,6%	0,8%	1,1%	0,3%	2,1%	2,0%	3,2%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Eu me vejo como um cidadão do mundo (2010-2014)						
		Concorda totalmente	Concorda	Discorda	Discorda totalmente	Total
		Brasil	Materialista	41,9%	43,7%	11,7%
Pós-Materialista	35,0%		48,5%	12,3%	4,3%	100,0%
Peru	Materialista	31,7%	53,5%	12,2%	2,6%	100,0%
	Pós-Materialista	29,4%	46,8%	23,0%	0,8%	100,0%
Argentina	Materialista	22,6%	51,2%	24,6%	1,6%	100,0%
	Pós-Materialista	31,7%	52,5%	9,9%	5,9%	100,0%
Chile	Materialista	13,6%	64,4%	17,3%	4,7%	100,0%
	Pós-Materialista	24,1%	37,9%	22,1%	15,9%	100,0%
Uruguai	Materialista	19,1%	56,1%	17,9%	6,9%	100,0%
	Pós-Materialista	17,4%	64,2%	14,2%	4,2%	100,0%
Colômbia	Materialista	43,9%	46,9%	8,1%	1,1%	100,0%
	Pós-Materialista	37,4%	55,0%	7,3%	0,3%	100,0%
México	Materialista	39,8%	52,2%	5,9%	2,1%	100,0%
	Pós-Materialista	39,8%	51,7%	6,5%	2,0%	100,0%
	Total	32,9%	51,5%	12,4%	3,2%	

A.4 Os problemas mais sérios do mundo (2010-2014)

		Mais sérios problemas do mundo				
		Pessoas vivendo na pobreza e necessidade	Discriminação contra meninas e mulheres	Saneamento inadequado e doenças infecciosas	Educação inadequada	Polição ambiental
Brasil	Materialista	66,0%	10,7%	8,6%	10,9%	3,9%
	Pós-Materialista	55,2%	8,6%	12,9%	18,4%	4,9%
Peru	Materialista	53,2%	5,5%	5,8%	19,9%	15,6%
	Pós-Materialista	37,8%	9,4%	3,9%	26,8%	22,0%
Argentina	Materialista	57,1%	11,9%	6,0%	15,5%	9,5%
	Pós-Materialista	60,6%	8,7%	3,8%	20,2%	6,7%
Chile	Materialista	61,7%	9,0%	6,0%	14,9%	8,5%
	Pós-Materialista	55,0%	4,6%	2,6%	32,5%	5,3%
Uruguai	Materialista	53,6%	12,2%	6,6%	17,1%	10,5%
	Pós-Materialista	48,2%	19,0%	5,6%	16,9%	10,3%
Colômbia	Materialista	61,2%	18,7%	1,8%	8,3%	10,1%
	Pós-Materialista	50,5%	11,5%	2,0%	20,7%	15,4%
México	Materialista	44,6%	14,6%	5,1%	14,3%	21,4%
	Pós-Materialista	42,8%	13,3%	2,3%	23,5%	18,3%

A.5 Confiança nas Nações Unidas (201-2014)

Confiança nas Nações Unidas					
		Confia muito	Confia	Confia pouco	Não confia
Brasil	Materialista	8,8%	35,7%	24,0%	31,6%
	Pós-Materialista	12,3%	38,1%	19,4%	30,3%
Peru	Materialista	12,6%	29,7%	28,0%	29,7%
	Pós-Materialista	14,9%	34,7%	27,3%	23,1%
Argentina	Materialista	4,2%	27,8%	42,5%	25,5%
	Pós-Materialista	7,9%	27,7%	42,6%	21,8%
Chile	Materialista	2,9%	48,8%	36,5%	11,8%
	Pós-Materialista	2,1%	59,3%	20,0%	18,6%
Uruguai	Materialista	5,3%	35,8%	33,1%	25,8%
	Pós-Materialista	12,3%	40,2%	25,7%	21,8%
Colômbia	Materialista	18,6%	31,6%	24,1%	25,7%
	Pós-Materialista	13,1%	34,3%	29,7%	23,0%
México	Materialista	11,0%	26,7%	31,3%	31,0%
	Pós-Materialista	22,1%	34,3%	26,3%	17,3%